

Aurora

no Espectro das Cores



Becca Barroso Lima

Escrita por uma mente que aprendeu a ver o mundo em todas as cores

Aurora

No Espectro das Cores

Bzcca Barroso



Fortaleza

2026

Sumário

Parte I - A Jornada

Onde Nasce a Luz	7
De Glacivita até a Casa das Estações	10
O desafio da primeira pata	17
Depois da Primeira Pata	22

Nota da Narradora

Parte II - Ébano, nas Raízes do Outono que Escuta	26
Entre Fungos e Folhas:	28
Onde Outono Escuta	28
Os Ventos que Chamam pelo Nome	31
Lufaardor: Onde as Folhas Guardam Nomes	33

Parte II - Sálvia, no Coração da Primavera que Sente

Sálvia, no Coração da Primavera que Sente I	46
Sálvia, no Coração da Primavera que Sente II	52
O Desafio das Ondas	56
A Travessia e o Jardim da Primavera	58
O Retorno à Casa das Estações	61

Parte II - Solon, no Fogo do Verão que Desperta

Entre Grãos e Raios: Onde Verão Corre	65
Parte III - O Desafio dos Corações Estelares	77
Nota da Narradora	78

O Desafio dos Corações Estelares

O Último Ciclo de Luz	79
A Ponte e as Quatro passagens	87
Aurora em Flamaré: O Chão que Não Cede na Tempestade	90

Ébano em BrisaTerra: O Silêncio que Escuta o Vento	95
Sálvia em Lufardor:O Olhar que Escuta o Tempo	99
Solon em Glacivita: O Fogo que Aprende a Tatear	102
O Retorno das Quatro Estrelas	105
O Despertar de Diurnus	107
Epílogo - O Retorno da Matilha	111
Anexos	
Sobre os Filhotes	113
Mapa Descritivo do Continente Prisma	119
Estrutura Geográfica e Posição	119
Travessias e Conexões Mágicas	120
Guardiões Regionais	121
Regiões e Paisagens	122

Parte I A Jornada





Onde Nasce a Luz

Glacivita – A Terra dos Ventos Silenciosos

Dizem que certos corações não nascem prontos — se formam aos poucos, como flocos de neve que se cristalizam com o tempo até virar gelo puro.

Foi assim comigo.

Nasci em Glacivita, onde o vento caminha devagar e o tempo escorre como neve derretida entre as patas. Um lugar branco, silencioso e cheio de segredos. Ali, as montanhas respiram lentamente, e as nuvens parecem repousar sobre o mundo — como cobertas bordadas por estrelas.

Fomos quatro: quatro filhotes envoltos em silêncio e luz, quatro centelhas de vida saídas do ventre de nossa mãe no meio do inverno, quando tudo parece quieto, mas tudo está prestes a começar.

Meu nome é Aurora, mas não fui a primeira a nascer. A primeira foi Alba. Ela chegou como um raio de sol inesperado: tropeçando, rodopiando, cheia de energia, com o rabo se mexendo antes mesmo de aprender a andar. Os outros diziam que ela era feita de riso. E era mesmo. Mal abrimos os olhos, e ela já tentava ensinar a saltar.

Depois veio Nevasca. Ela era calma, silenciosa, doce. Tinha o olhar profundo e a respiração serena. Gostava de se deitar nas pedras frias e ouvir o som das árvores, como se compreendesse línguas antigas. Nevasca nunca teve pressa. Ela apenas... era.





O terceiro foi Alvorada, nosso irmão. Veio ao mundo com um bocejo longo e preguiçoso, como quem está apenas visitando o tempo. Dormia mais do que vivia, mas sonhava com tanta força que parecia estar em dois lugares ao mesmo tempo. E quando falava, o que era raro — as palavras vinham cheias de sabedoria.

E então, veio o meu momento. Eu... simplesmente cheguei, não uivei, não corri, apenas abri os olhos. Tudo parecia tão grande, tão novo, tão antigo. Enquanto os outros pulavam, cheiravam e exploravam o nosso pequeno mundo, eu apenas ouvia. Ouvir era a minha maneira de tocar, de sentir.

As batidas do coração da mãe, o cheiro calmante do pai, o pelo fofo de meus irmãos, o som do vento contra a neve, o eco suave da água derretendo. Eu sentia tudo como parte de mim.

Nossa ninhada nasceu especial — todos sabiam. Cada um de nós tinha um destino e eu também sabia, não era uma diferença triste, era como se eu car-regasse dentro de mim um chamado. Um brilho que ainda não tinha forma, mas já sabia o caminho.

Em nosso refúgio, às vezes nasciam ninhadas especiais — destinadas a cumprir missões em outros lugares de *Prisma*. Outras, nasciam, cresciam e viviam toda a vida ali, cuidando do nosso lar, protegendo os indefesos, jovens e velhos. Apenas vivendo... com a beleza das geleiras cristalinas e da neve fofa. A vida era bonita ali: dormíamos juntos, sonhávamos juntos — o mundo era branco e suave, azul celeste e silencioso, cobalto profundo e selvagem — e cheio de significados.

Até que um dia, o vento mudou. Soprava diferente, mais fundo, mais doce. Como se o ar estivesse nos chamando por um nome que eu ainda não conhecia. Naquela mesma tarde, todos partimos.

Alba seguiu para o leste, onde há dança e barulho... e campos florido. Ela se despediu da nossa mãe com aquela alegria de quem pula num lago de água fresca — agitada, inquieta, cheia de energia. Os olhos brilhavam com uma curiosidade que parecia não acabar nunca, e as patas... já iam, já queriam ir, com uma determinação contagiante. Ela foi... para um vilarejo movimentado em Glacivita, onde a vida precisava de alguém que lembrasse a todos que até no frio... existe calor.

Nevasca seguiu para o oeste, quase nos limites de Glacivita. Lá tem uma floresta densa... mágica... daquelas que parecem guardar segredos. Como eu já disse, Nevasca nasceu calma, tranquila como o cair lento dos flocos de neve numa manhã de inverno e, por gostar de observar o mundo com doçura — e de se mover como se ouvisse os sonhos — ela encontrou o seu lugar entre árvores antigas e cristais reluzentes, onde a sua presença trazia conforto... e segurança.

Alvorada seguiu para o extremo norte — para acompanhar um velho cão rabugento que observava as mudanças sutis do gelo e conhecia os segredos antigos escondidos sob a neve.

E aí... chegou a minha vez. Não foi o céu que mudou primeiro — fui eu, algo despertou dentro de mim... um sopro leve... que crescia em silêncio... chamando meu coração. Senti um frio diferente, não de medo... mas de começo. Como se o mundo estivesse se abrindo diante das minhas patas — cheio de caminhos que eu ainda não conhecia e que, mesmo assim... eu queria descobrir. Uma luz atravessou o ar e tocou meu pelo com delicadeza, como se dissesse meu nome... Aurora... Aurora... Aurora...

E eu entendi, entendi que aquilo era o começo. Com o coração batendo forte, forte mesmo e cheio de curiosidade... eu fui. Fui para o sul: o lugar de onde os ventos nascem.





O Chamado do Vento

De Glacivita até a Casa das Estações

A neve cede sob minhas patas pequenas, mas o frio não me assusta. Sinto o coração quente, pulsando com uma certeza que ainda não compreendo.

Assim que meus irmãos partiram em suas próprias jornadas, meus pais me acompanharam. Era como se algo me guiasse por dentro... não uma voz, não exatamente — mas uma presença, um chamado quieto, que eu sentia mais do que ouvia.

Meu pai caminha ao meu lado. Ele é forte, silencioso, com um coração firme — daqueles que a gente confia sem precisar perguntar — e com uma ternura que vive ali, quieta, constante. Seu pelo acinzentado lembra um lago congelado da nossa terra, com manchas mais escuras, em tons de grafite, que lembram as pedras firmes que formam o nosso refúgio.

Seus olhos, de um ciano profundo com reflexos azul-acinzentados, têm um brilho antigo — como se já tivessem visto muitas luas... e ainda quisessem ver muitas mais.

Às vezes, ele me olha com um sorriso tranquilo, outras, apenas deixa que o silêncio entre nós diga tudo e, atrás de nós, com passos suaves, vem minha mãe.

Hahhhh... minha doce mãe... Ela é como uma neve calma — bela, serena. Seu pelo é alvo, muito, muito claro, quase brilhando com um tom de azul-neve, com reflexos que lembram o gelo sob o luar. Seus olhos, entre safira e tempestade, são os únicos capazes de acalmar o coração do meu pai.

Antes de partirmos, ela me aconchegou forte.

— Leve meu amor em cada fio do seu pelo, pequena estrela. Onde quer que você vá, ele te seguirá como o vento segue o canto da floresta.

Naquela despedida, não houve lágrimas — apenas um silêncio profundo, cheio de tudo que não cabia em palavras.

— Quando você sentir o vento te empurrando para frente, Aurora... não lute — disse meu pai. — Apenas vá.

— E se eu tiver medo? — perguntei, com a voz trêmula.

— Então vá com medo mesmo. Porque é assim que se reconhece o coração dos corajosos.

— E se eu sentir saudade?

— Isso é sinal de que você teve um lar bom o suficiente para se lembrar.

Segurei a ponta da cauda do meu pai com meus dentinhos e continuei a andar.

— E meus irmãos? Vão sentir minha falta?

— Vão. Mas também vão se orgulhar. Cada filhote parte um dia — e é assim que construímos as histórias que depois contamos ao redor do fogo.

— E se...

— Não se preocupe — disse minha mãe, com suavidade. — Estaremos sempre no seu coração. E um dia, nos encontraremos novamente.

Então seguimos por campos cobertos de cristais de gelo azul-água, por riachos turquesa congelados que cintilam como espelhos partidos, por pedras azul-marinheiro que sussurram nomes antigos quando passamos.





Até que o céu mudou: primeiro, uma brisa, depois, uma dança nas nuvens.

E então... ele surgiu... Argentus...

Ele surgiu como se tivesse sido esculpido pelo próprio vento, um canídeo prateado, alado, feito de luz e brisa, com pelagem etérea que mudava de tom conforme o ângulo: às vezes prata fosco, às vezes cintilante como o luar sobre o gelo.

Suas asas eram vastas, translúcidas, como véus bordados com poeira estelar e seus olhos... eram como fendas de céu antigo, guardando galáxias inteiras de sabedoria e silêncio.

Eu ainda não sabia como isso funcionava, quantos eles eram ou de onde eles vinham, quer dizer, acho que não sei isso até hoje, mas argentos é um dos guardiões mitológicos que protegem Prisma. Dizem que eles nascem dos próprios elementos da nossa terra: do ar, do céu, das nuvens, das águas e do fogo. O que aprendi, depois de sair de casa, é que eles são inúmeros, tem sempre a forma de algum tipo de canídeo e podem ter uma forma mais ou menos sólida, podem ser alados ou não, geralmente estão em posições de destaque como mestres — guiando os jovens cães em suas jornadas de descoberta e aprendizado.

Argentos pousou suavemente diante de nós.

O vento ao seu redor parou — como se estivesse escutando.

Meu pai se aproximou e encostou o focinho no dele.

Não trocaram palavras, apenas um gesto que parecia dizer tudo. Então, ele olhou para mim.

— Siga com ele. O que você procura... está além das montanhas.

— E se eu não souber o caminho? — perguntei.

— O vento saberá.

Argentos abaixou-se, e com um movimento elegante de asas, me convidou a subir.

— Vem, pequena — disse ele com voz de brisa. — Há um continente esperando pelas cores do seu coração.

Minha mãe uivou com tristeza e com saudade, mas ela sabia que o meu caminho me levaria pra muito longe...

E assim partimos.

Durante os algum tempo, caminhei ao seu lado, tentando acompanhar suas passadas leves e largas.

Ele conhecia trilhas secretas.

Sabia o caminho pelas fragrâncias do ar, pelo som das pedras, pela memória das neblinas.

Mas quando minhas patas cansavam, ele me carregava. Acomodava-me entre suas asas, e então voávamos.

E eu sentia o mundo girar devagar lá embaixo, como se a própria Prisma se curvasse em boas-vindas.

Cruzamos fendas azul-ardósia e penhascos índigo, sobrevoamos vales em silêncio.

O mundo abaixo parecia se abrir à sua passagem — galhos azul-anil se afastavam, as nuvens azul-claro se dissolviam, a neve azul-glacial se acalmava.

Passamos por riachos de águas azul-cobalto, por árvores azul-celeste que suspiravam histórias antigas, por bosques onde a música parecia crescer das raízes em tons de azul-safira.

Cada lugar guardava um fragmento do que eu seria, mesmo que eu ainda não soubesse. Enquanto viajávamos, eu pensava em meus irmãos, nos destinos deles, nas histórias que





contariam quando nos reencontrássemos, como estava sendo a jornada pra eles, se estavam com medo, se outros argentos existiam, e se tinham levado eles até os seus destinos, ou se o chamado era diferente pra cada um... Enquanto eu pensava nisso, argentos me disse:

Esse é Prisma: um continente dividido em quatro grandes territórios, cada um guiado pelas estações. Flamaré, a terra do fogo e do verão; Lufardor, onde o outono canta; Brisaterra, o reino da primavera; e Glacivita, de onde você veio, guardiã do inverno.

— E para onde estamos indo? — perguntei, enroscada entre suas asas.

— Para o coração de tudo. Íris, onde fica Casa das Estações. O lugar onde os filhotes aprendem a escutar a si mesmos.

Voamos mais um pouco. E então, eu vi.

Lá embaixo, entre colinas e luz, surgiu uma construção que parecia feita de sonho: A Casa das Estações.

Era um lar moldado por pedras, flores, e raízes vivas, com troncos polidos entrelaçados como cães que se aconchegam juntos enroscados para dormir. As pétalas em suas copas se balançavam com o ritmo do vento.

Na entrada, duas árvores imponentes formavam um grande arco, e suas folhas mudavam de cor a cada sopro: verde de primavera, dourado de verão, âmbar de outono, branco de inverno.

Ali, a natureza estava viva e vibrante, mais vibrante do que qualquer coisa que eu já tivesse visto antes... E parecia de fato brilhar como um arco-íris.

— Você chegou, Aurora — disse Argentos. — Aqui começa a jornada entre quem você é... e quem você pode ser. O

caminho não será fácil, você encontrará desafios, mas também fará amigos e sairá daqui transformada.

Desci devagar de suas asas, com o coração latejando.

O chão sob minhas patas era feito de musgo quentinho e parecia brilhar como luz verde líquida.

Era uma cor que eu nunca tinha visto antes, e tive muita vontade de rolar por todo aquele gramado verde vibrante.

Dentro da Casa, vozes caninas em tons e ritmos diversos se entrelaçavam em brincadeiras, estudos e silêncios.

Filhotes de todos os cantos de Prisma: pelos rajados como o céu de outono, focinhos manchados como o sol em fim de tarde, olhos de orvalho, patas de relâmpago.

Cada um parecia carregar um pedaço da estação de onde viera.

Enquanto me guiavam até minha alcova, passei por salões que pareciam jardins encantados, corredores com luz de fogo suave, escadas geladas como trilhas da infância. Os nomes sussurrados pelas paredes me chamavam com urgência, tudo pulsando com ansiedade de descoberta... como se tudo ali soubesse o tempo certo de acontecer.

Minha alcova era pequena, aconchegante, feita de folhas entrelaçadas, cristais transparentes e pedrinhas azul-claro que cintilavam como promessas.

Ali, eu seria moldada não apenas pelo que via, mas pelo que sentia. Ali, eu aprenderia a ser guardiã.

Do mundo. Do silêncio. Dos sonhos.

E de mim mesma.





O desafio da primeira pata

A Chegada e o Primeiro Desafio

Durante os dias que se seguiram à minha chegada, a Casa das Estações revelou-se como um mundo inteiro de descobertas.

A cada amanhecer, novos filhotes chegavam, vindos de todos os recantos do continente Prisma. Pelagens cinzentas, acobreadas, alvas como bruma ou rajadas como nuvens. Cada passo que ecoava pelos corredores sinalizava mais uma jornada começando, mais um coração buscando suas cores.

Logo aprendi sobre os painéis da jornada: cada alcova tem um — um painel mágico, que parece vivo, feito de um cristal polido cintilante que muda conforme a jornada pessoal de cada cão, ele serve pra registrar os nossos desafios, me contaram, e quando aparece uma nova insígnia, é provável que tenhamos um desafio, uma tarefa ou um conflito a enfrentar. O painel da minha alcova, que fica no andar mais alto da Casa Das Estações, próximo das estrelas, ainda estava Praticamente vazio, com apenas um único caminho cintilando, à espera do meu primeiro desafio. Ao tocá-lo, sentia um calor leve, como o sussurro da minha mãe às minhas orelhas triangulares.

No Salão das Quatro Luas, onde todos os filhotes se reuniam para encontros, havia um painel enorme, que ocupava toda uma parede, — coletivo. Ali, cada ponto luminoso representava um cão em sua jornada. Quando uma jornada avançava, mudava de patamar, um brilho novo se acendia, representando o nosso





progresso coletivo, o painel ficava dividido com o formato do nosso continente; Prisma lembra uma flor de quatro pétalas, com Íris no centro. Cada “pétala” toca o centro e duas regiões vizinhas.

Quando será que minha jornada, junto a outros cães de Glacivita, ou quem sabe até de outras regiões, se acenderia ali? Foi numa dessas manhãs que estava explorando a casa, que Silvestris me chamou. Ele estava procurando os cães.... Ele estava procurando os cães que haviam chegado na mesma época que eu. Silvestris é o guardião da casa das estações, ele cuida pra que estejamos seguros e nos leva para o início de todo desafio. Eu mal esperava que ele falasse comigo, sua forma parecia ser feita de casca de árvore, flores e folhas entrelaçadas, suas orelhas são longas, e seu formato é compacto e ágil, ele tem olhos de cor madeira antiga. Para mim, a sua pelagem parecia se confundir com as copas das árvores. Estava sempre presente, mesmo quando não o notávamos. Sua voz tinha a calma das raízes.

— Hoje, o jardim sussurrou algo — disse ele, aparecendo na clareira com uma cesta de frutas da estação. — E está na hora de vocês escutarem também.

Todos os cães que chegaram na mesma época que eu, mais ou menos uns 15, fomos conduzidos por entre os arcos naturais até a Árvore-Coração, uma árvore tão antiga que suas raízes formavam túneis e abrigos, e suas folhas mudavam de cor conforme a emoção de quem se aproximava. Ao seu redor, o chão pulsava com força primordial, antiga como se o próprio solo respirasse.

— Um dos riachos que alimenta o jardim foi interrompido — Disse Silvestris — A água está inquieta. As plantas já sentem a ausência e em breve morrerão, se não fizerem nada. Esse será

o Desafio da Primeira Pata para alguns de vocês.

Senti algo vibrar no peito. E não fui a única.

Ao meu lado, uma figura ainda pequena, mas com aparência robusta, na época já maior do que eu, se adiantou. Tinha os pelos amarelos cor de areia com toque leve de raios de sol e os olhos cor verde jade. Seu peito estufado denunciava destemor e um toque de rebeldia.

— Eu sou Solon — disse ele, com um brilho nos dentes.
— Se tem aventura envolvida... tô dentro!

Do outro lado da roda, uma filhote caramelo de olhos âmbar atentos e focinho sempre erguido, caminhou com passos suaves.

— Me chamo Sálvia. Não sou de correr... e sou boa em observar o que muitos deixam passar.

E então, em silêncio, surgiu um filhote de pelagem escura como a noite sem lua. Seus olhos lembravam avelãs gostosas, redondas e confiáveis.

— Ébano — disse, numa voz baixa como um farfalhar distante. Fiquei quieta por um instante, e então ergui a pata.

— Eu sou Aurora — murmurei. — E... acho que o jardim também me chamou. Silvestris assentiu:

— Vão, meus filhotes.

— Quatro corações, quatro primeiros passos. O Desafio da Primeira Pata não é um teste de força. É um chamado de equilíbrio. A água precisa fluir, e vocês precisam descobrir como fazer isso.

Nos aproximamos do pequeno lago encantado, onde o espelho d'água refletia nossas incertezas. Uma árvore caída bloqueava o curso do riacho.





— O que fazemos? — perguntou Solon, já tentando empurrar o tronco com a cabeça.

— Espera — disse Sálvia. — Nem sempre a força resolve o que é da água. Ela cheirou o chão, as folhas, e olhou para o céu.

— A corrente está tentando seguir por outro lado... — disse ela. — Mas o tronco desorienta os musgos. Eles precisam de luz e direção.

— Eu conheço um canto — disse Ébano, de repente. — Uma melodia baixa, que meu avô me ensinou. Às vezes, ele cantava para as árvores caídas, e elas se despediam da terra.

Solon franziu a testa.

— Cantar pra uma árvore? Isso funciona?

— Só há um jeito de saber — murmurei, nos reunimos em círculo e Ébano começou a uivar baixo, como uma prece. Aos poucos, Solon se juntou, e sua voz era quente e vibrante como o verão. Sálvia roçou o focinho nos musgos e soprou folhas secas que flutuaram sobre a água. Eu encostei minha testa na casca do tronco, sentindo o frio e o tempo ali dentro.

E então... ele se moveu.

Devagar, com estalos suaves, como quem acorda de um sonho longo. A árvore se ajeitou. Parecia estar acordando de um longo sono, ela apareceu se espreguiçar, e depois acordar. Então, A água voltou a correr.

Silvestris apareceu entre as sombras, com o olhar brilhando.

— Vocês escutaram uns aos outros. Agora, escutem a si mesmos.

Naquele dia, quando voltamos para o Salão das Quatro Luas, o painel individual começou a brilhar — um ponto novo

surgiu em cada um, de nossos mapas individuais, e no painel coletivo, quatro luzes acenderam ao mesmo tempo, como se as estações comemorassem juntas o primeiro passo de um nova matilha.





Depois da Primeira Pata

Ventos Novos, Silêncios Antigos

Depois da primeira pata, fiquei pensando vários sóis sobre o que tinha acontecido na clareira... Naquele sol, a água voltou a cantar, e com ela algo dentro de mim também se movimentou: era como se um espaço adormecido tivesse despertado, um espaço feito de perguntas — e de uma coragem que eu não sabia que tinha.

Lembrei que, na volta para a Casa das Estações, caminhamos devagar. As patas ainda úmidas do riacho, que deixavam rastros na terra fresca, como se cada pegada dissesse ao mundo: “estamos aprendendo a caminhar juntos”. Não trocamos muitas palavras, talvez estivéssemos ouvindo algo mais fundo do que as palavras — o barulho interno de quem começa a descobrir quem é.

No Salão das Quatro Luas, Silvestris nos observava em silêncio, como se ouvisse nossos pensamentos.

— Nem todo desafio traz respostas, meus filhotes — disse ele, por fim. — Alguns apenas ensinam a fazer perguntas melhores.

Naquela lua, nossa comida pareceu estar mais gostosa, as folhas e flores nas quais dormi, mais macias e quentinhas, e as estrelas, muito mais próximas.

Foi a primeira vez que senti que não estava mais sozinha.

Quando eu subi até minha alcova. O céu estava limpo, e

as estrelas pareciam sussurrar o nome da minha terra natal.

Senti saudade dos meus pais, das minhas irmãs, do meu irmão, do vale gelado onde nasci, da brisa cortante que já não parecia tão fria quando eu pensava neles e me peguei me perguntando como estavam indo em suas jornadas... Sentiam falta de mim? Sentiam falta de casa? Nós nos veríamos em algum sol ou lua?

Encostei meu focinho na abertura circular que dá para fora de minha alcova, e fechei os olhos. Tive a impressão de ouvir a voz do meu pai: “Aurora, quando não souber o caminho, confie na tua luz. Mesmo quando o mundo parecer desfocado, ela saberá o rumo”. Ele havia dito isso quando me levou até Argentos.

Ah, Argentos... Eu já falei um pouco dele, não é? Quando me trouxe até aqui, ele conversou comigo.

Enquanto eu abanava tudo que havia conhecido, um certo sol, ele disse, enquanto me oferecia uma pedra azulada em forma de pata: “Você é filha do Gelo, mas não será feita só de frio. Seu caminho será bordado por estações. Mas não tema: eu estarei ao seu lado até você ouvir sua própria voz”.

Foi o meu pai que chamou: ele sabia que minha jornada não poderia começar sozinha.

Argentos me carregou entre as nuvens, e o vento assobiava nomes antigos, nomes de filhotes e guardiões que também haviam caminhado sob os mesmos sóis e luas.

Ele me contou que o continente Prisma era como um coração de quatro batimentos, pulsando pelas estações. Que no centro havia Íris, onde ficava a Casa das Estações — e que os filhotes escolhidos para chegar ali não vinham por acaso. Vinham porque alguma parte da estação dentro deles precisava





florescer, derreter, ventar ou amadurecer.

“Prisma é vasto, pequena,” disse ele, “e há muitos outros cães espalhados por suas pétalas. Mas só alguns escutam o chamado profundo. O chamado da cor que nasceu para se tornar um prisma..”

Agora, ali no alto de minha alcova, deitada sobre um tapete de folhas macias, com a brisa noturna tocando meu pelo branco e fofo, pensei:

“Talvez este seja só o começo de uma história maior do que eu posso imaginar.” E sorri.

Porque pela primeira vez...

Eu não queria voltar. Queria ficar.

Queria descobrir o que mais existia dentro de mim — e nos outros.

A jornada tinha começado.

E eu estava pronta para a próxima pata.

Nota da Narradora

A partir deste ponto, a história se abre em três caminhos.

Os capítulos seguintes — Sálvia, Solon e Ébano — não obedecem a uma ordem fixa. Cada um deles revela uma face da mesma estação da amizade, do crescimento e da descoberta.

Você pode escolher por onde seguir primeiro.

Pode ouvir a primavera antes do verão.

Pode atravessar o outono antes de sentir o calor.

Não há sequência obrigatória — apenas caminhos possíveis.

Depois de percorrer os três, volte para o capítulo final: O Desafio do Coração Celeste, onde as vozes se reencontram e a jornada se completa.



Parte II

Ébano, nas Raízes do Outono que Escuta







Entre Fungos e Folhas: Onde Outono Escuta

Dizem que o silêncio é só a ausência de som, eu nunca achei. Pra mim, o silêncio sempre foi outra coisa: um som antigo, profundo, denso, daqueles que quase ninguém escuta, mas que, quando escuta... entende. Eu não sabia disso antes.

Eu aprendi isso cedo: aprendi a ouvir o que vive debaixo da terra, o som das raízes quando se espreguiçam, as folhas que caem de propósito só pra fazer companhia umas às outras no chão. Os fungos também cochicham entre si, por caminhos que a gente não vê e o vento, quando passa por dentro das pedras, canta coisas que vêm de antes da luz.

— As pausas também têm algo a dizer, Aurô... — eu disse um dia, mastigando um biscoito de lavanda com geleia de pitanga. Ela riu, mas depois disso começou a ouvir diferente.

Eu não moro em castelo, nem em cabana suspensa, mas, de algum jeito, tudo ao meu redor parece feito de vento e escuta. Meus olhos — dizem que são cor de avelã tostada — mas o que importa é que eles prestam atenção. Minha pelagem é preta, macia, com cachinhos que às vezes ficam meio enroladinhos como ramos novos tentando crescer, sou o menor do grupo, mas acho que tenho o tamanho certo. O tamanho certo quando o mundo fica barulhento demais. Meus passos são leves, leves como quem não quer acordar os cogumelos e meu rabo às vezes balança como uma folha prestes a cair. Aqui, no campo do outono a gente brinca entre raízes.

Hoje, o chão amanheceu coberto de folhas secas e fungos coloridos — vermelhos mais densos, musgos que parecem almofadas e líquens azul-acinzentados escondidos nas sombras das pedras. Sálvia disse que é dia de colher flores, ela sempre diz essas coisas como se já soubesse antes. Anda entre a gente com aquele jeitinho sereno, como se estivesse flutuando num campo de chá, a pelagem caramelo brilhando no sol que passa pelas folhas e os olhos de mel quente. Ela colocou uma florzinha atrás da minha orelha, fingi que não percebi.

A gente se encontra aqui quase toda manhã, no coração do outono: um lugar que parece um pátio, mas não é só isso — a luz atravessa as folhas e pinta o chão de dourado, tem frutas escondidas nos arbustos, bolinhos esquecidos sobre pedras quentinhas e o cheiro da terra molhada chega antes do vento.

Hoje eu comi um bolinho de maçã com cravo, Solon me deu metade do dele. Estava quente como ele, (ele sempre assa demais e nunca espera esfriar). Eu não tenho pressa, nunca tive, não apresso mordida, não respondo na hora, tem coisas que precisam de tempo e mesmo assim, quando precisa, eu sou rápido. Aurora ainda não entende como.

— Escutar é como caminhar na floresta... — eu disse outro dia. — A gente só encontra o caminho quando não tenta forçar a trilha.

A Casa das Estações fica no centro de tudo. Aqui, as estações vivem juntas como páginas de um mesmo livro, abertas ao mesmo tempo: dá pra atravessar vento quente e frio, flores e geada, manhãs que cheiram a verão e noites que sussurram neblina. Mas o meu campo é diferente, mesmo entre folhas secas e galhos caídos, tem algo que pulsa. Talvez seja o som escondido nas sementes ou o jeito como tudo espera ou, talvez, seja só porque aqui o mundo não precisa gritar.





Hoje eu parei perto de uma árvore oca, escutei.

— Tem um esquilo dormindo aí dentro — falei baixinho.

— Como você sabe? — Aurora perguntou.

— Ele ronca.

A gente riu, riu tanto que até os líquens tremeram. Sálvia ralhou, mas com aquele riso preso no focinho.

Algumas luas passaram desde que encontramos Silvestris, ele disse que o próximo desafio viria e que a gente precisava observar não só com os olhos, com o corpo inteiro. Eu acho que entendi.

— O desafio não vai ser correr, Aurora... — eu disse pra ela. — Vai ser escutar.

Mas, por enquanto, o desafio ainda é outro: descobrir quantas pétalas cabem atrás da minha orelha, antes que eu perceba (Sálvia diz que já perdeu a conta.).

Os Ventos que Chamam pelo Nome

De manhã, o campo do outono acorda antes da gente, a luz passa pelas folhas devagar, quase em silêncio e desenha pontinhos no chão, como se estivesse escolhendo onde pousar. Eu gosto de ver isso antes de qualquer coisa, Aurora não.

Ela já estava rolando de costas, tentando pegar a luz com as patas como se fosse possível segurar claridade. Sálvia soprava pétalas no ar observando qual ficava mais tempo voando, ela sempre observa essas coisas. Solon, bom...Solon já estava em cima de uma pedra, desafiando alguém pra correr. Ele gosta de fazer barulho, eu não: prefiro ver antes.

Tem dias em que tudo parece igual, mas não está. Naquela manhã tinha alguma coisa diferente, nada errado, só... esperando.

O ar estava mais úmido, o cheiro das raízes mais forte e o vento, o vento dizia alguma coisa que ainda não tinha forma. Aurora percebeu também, ela chegou perto de mim com aquele jeito dela de quem sente primeiro e entende depois.

— Você viu aquilo?

Eu não respondi, ainda não. Deitei, encostei o corpo no chão, escutei —o campo sempre fala, mas só quando a gente para... e então eu senti.

— É o meu vento.

Ela ficou quieta.





— Seu vento tem nome?

— Todo mundo tem um vento que sabe o seu nome.

Pausa.

— O meu chegou agora.

Eu já estava de pé, nem pensei muito. Algumas coisas não pedem decisão, só pedem escuta.

Comecei a caminhar. A trilha ainda nem estava clara, mas eu sabia onde ela começava.

— Espera! — Aurora veio atrás. — Você vai sozinho?

Parei, olhei pra ela.

— Não se entra num vento desses com barulho demais.

Um instante.

— Mas se quiser vir... vem com escuta.

Ela tentou, eu percebi.

As folhas estalaram sob as patas dela — mais alto do que ela queria, mas tudo bem, ninguém aprende a escutar de uma vez.

A trilha apareceu devagar como se sempre tivesse estado ali esperando a gente perceber — folhas suspensas, um caminho que não estava ali antes ou talvez estivesse e a gente só não tinha escutado ainda.

No fundo, alguma coisa chamava: sem pressa, sem som alto, mas chamava.

E eu fui, Aurora veio comigo lado a lado, quase em silêncio e então... o mundo dobrou: Lufaardor estava esperando.

Lufaardor: Onde as Folhas Guardam Nomes

Ao pisar em Lufaardor, eu senti: o outono não estava só ao redor, estava em mim. Era como voltar, mas não exatamente pra um lugar, mais como voltar pra alguma coisa que nunca deixou de ser minha.

Lembro que levei um tempo imenso para chegar onde Argentos me encontrou, numa trilha esquecida, vagando perdido e faminto. Então... como podíamos ter chegado ali apenas atravessando o Campo do Outono?

O chão era de musgo espesso, tingido por tons entre o âmbar e o vinho, havia folhas grandes, algumas ainda presas aos galhos, outras flutuando ao redor como se nunca tivessem decidido cair. Tudo estava igualzinho como eu me lembrava.

O ar tinha cheiro de casca de árvore molhada, frutas maduras e um tipo de vento que sussurra o nome da gente, bem baixinho, só pra quem escuta com o coração.

Aurora vinha comigo. Eu achava engraçado como ela tentava caminhar em silêncio, como eu — mas acabava pisando nos galhos secos, nas folhas que estalavam alto, assustando nós dois com um barulho que ali parecia ensurdecador. Às vezes, andava do meu lado tentando ouvir com o corpo inteiro, como eu, mas isso não é algo que se aprende em apenas um dia.

E eu me perguntava: o que nós dois descobriríamos naquele desafio?

Mesmo assim, fiquei feliz por tê-la comigo, assim, eu





não me sentia sozinho — aquele filhote pequeno e assustado. Sua presença, mesmo ruidosa, bastava.

Era estranho estar ali, reconhecia os caminhos com as patas: a curva da trilha, o som dos galhos partidos, o jeito como o vento soprava entre as pedras fundas. Tudo dizia que eu já estivera ali - e estive, pelo menos em uma versão daquele lugar.

O vento, ali, parecia ter memória: a cada rajada leve, ele contava histórias antigas, de patas pequenas que escorregaram na lama, de brincadeiras entre cogumelos e folhas em espiral. O musgo sussurrava nomes esquecidos e o silêncio... o silêncio era como um cobertor de musgo que alguém havia deixado ali só pra mim.

Foi ali que nasci.

Entre pequenas pedras redondas e duas raízes retorcidas, onde hoje crescem flores miúdas e roxas, minha mãe me lambia com calma. Lembro do seu focinho úmido e das patas aconchegantes ao meu redor, Meu irmão nasceu depois, ele fazia barulho, eu escutava.

As cores mudaram, o vento ficou diferente. Minha mãe começou a nos levar pra longe. Às vezes, ela nos carregava com a boca, outras, nos deixava em silêncio, sob raízes ou folhas. Esconder. Esperar. Sumir... e voltar.

Não importa quanto a gente chamou ou quanto esperou, ela não voltou. Meu irmão disse que ia procurar, eu pedi pra ele ficar, mas quando o sol nasceu, eu estava sozinho.

Esperei. Comi toda a provisão que tínhamos e, depois de alguns sóis, também parti.

Nunca mais nos vimos.

Não sei por que isso tinha que acontecer, mas sei que

deixou em mim um silêncio e um vazio que nunca consegui preencher.

Agora, voltar a Lufaardor era encarar esse vazio de novo.



O desafio começou sem aviso.

Primeiro, ouvi um som abafado — como uma batida de coração distante, depois, o chão estremeceu, as folhas começaram a se erguer no ar, dançando sem vento. Do musgo, surgiu uma ponte de raízes entrelaçadas, levando a uma clareira onde grandes pedras pretas, chumbo e cinzas formavam um círculo, ao lado desse círculo de pedras, formando sombras imensas, havia um carvalho retorcido, com galhos como braços longos apontando para o céu.

No centro, um buraco.

Um buraco escuro, fundo, tão escuro que parecia engolir o som. Aurora parou na borda, suas orelhas triangulares recolhidas, com medo. Ela recuou, eu não.

— Você quer que eu vá com você?

Olhei pra ela.

— Esse Caminho é meu.

Pausa.

— Fica e escuta.

Ela ficou e eu desci... e o silêncio me reconheceu.

Eu estava morrendo de medo, mas sabia que aquele





desafio era para mim. Depois de um tempo que parecia eterno, toda luz desapareceu, havia folhas secas, muitas e, sobre elas, ecos.

Não sons. Ecos.

Como se tudo que eu já tivesse sentido estivesse ali, esperando pra ser ouvido de novo.

Uma folha tremia, aproximei - nela, a risada do meu irmão.

Noutra: a dor da partida. A fome.

A espera.

Outra...e ouvi Aurora. Ela me chamava.

Mas não agora. Num futuro? Num sonho?

Cada folha tinha um som e eu precisava escolher quais levar.

A cada folha que pegava com a boca, algo acontecia: uma raiz se erguia e tentava me puxar, outra folha virava fumaça antes que eu tocasse, o buraco mudava de forma, meus passos se tornavam mais lentos, era como andar dentro do vazio.

Depois de uma curva, surgiu uma nova parte — como um labirinto, com alguma luz natural vinda de cristais incrustados na pedra.

Quando cheguei à última folha, o chão tremeu e comecei a ver imagens.

Uma delas... era a minha.

Um cão preto, pequeno, de pelos encaracolados e orelhas cacheadas, olhos idênticos aos meus, eu — ou ele — estava parado, hesitante. Me encarava.

— Quem você finge ser quando não quer que te vejam?

— perguntou meu reflexo. A voz era a minha, pensei em fugir, mas quando me virei, percebi que a saída havia desaparecido.

Estava preso numa câmara de pedra, a uma profundidade impossível de saber.

Não importava se eu uivasse ou chorasse, só havia uma saída: enfrentar.

Essa voz... era a do medo.

O medo que eu carregava no peito desde sempre. O medo das noites em que fingia dormir.

O medo de estar sozinho.

De perder minha mãe, meu irmão. De não ser lembrado.

De não pertencer.

Fingi que não me importava, mas me importava, sim.

Era essa voz que me fazia me encolher entre raízes, esconder em troncos, sob folhas. Era ela que me impedia de escutar a mim mesmo.

De repente, todas as folhas se ergueram em espiral — Achei que seria soterrado, mas então escutei outra voz, mais calma, mais minha, era ela que me ensinava a andar em silêncio, até sobre folhas secas, que me dizia:

“Observe. Escute. Mesmo quando tudo parecer confuso. Resista.”

Um cheiro de folhas secas, cogumelos exóticos e raízes antigas atravessou o ar. Naquele instante, prometi a mim mesmo: agora tenho duas famílias.

Minha nova matilha: Solon, Sálvia, Aurora e minha





matilha materna.

Um dia, eu iria reencontrá-los. Assim que aprendesse a observar, assim que aprendesse a escutar.

Foi então que, no centro da câmara de pedra, flutuando como uma resposta, surgiu o colar: delicadas raízes escuras entrelaçadas com folhas de outono. No centro, um pingente âmbar em forma de peça de quebra-cabeça pulsava levemente... como se me reconhecesse.

Aproximei-me e o colar se encaixou confortavelmente em meu pescoço — como se sempre tivesse estado ali.

Uma nova passagem se revelou: uma rampa de pedra coberta de musgo macio, a luz de Lufaaardor se abriu de súbito, tão forte que por um momento precisei fechar os olhos. Quando os abri... não havia mais musgo espesso sob minhas patas, nem o cheiro profundo de raízes adormecidas, o círculo das pedras havia desaparecido como um sonho que se dobra no próprio silêncio.

Eu estava de volta, mas não no lugar de onde entrei.

A Casa das Estações se estendia à minha frente como um suspiro enorme — as copas trançadas filtrando a luz alaranjada, os ventos cruzando uns sobre os outros, cada estação espalhando seu próprio perfume no ar. Reconheci o chão macio, as trilhas que serpenteavam entre arbustos floridos, o som de água ao longe.

Mas Aurora...

Aurora não estava ao meu lado.

O peito apertou como se o silêncio de antes tivesse voltado, senti o cheiro do medo antigo tentando renascer, aquele vazio que aprendi a carregar desde filhote. Dei dois passos, depois três, e o vento mudou — não em direção ao

norte, nem ao leste... mas para dentro de mim.

Foi então que a lembrança chegou, não como uma imagem, mas como um calor.

“Lá em Glacivitta... todas as matilhas são uma grande família. A gente nunca está sozinha.”

A voz dela ecoou tão perto que meu pelo se eriçou.

Um eco recente, mas profundo.

Um eco que parecia morar no meu peito, encaixado entre as batidas do coração e o ar que subia pelas narinas.

Aquilo me devolveu o fôlego.

Porque, mesmo que eu não a visse, eu sabia: Aurora estava em algum lugar dali — e a nossa matilha não se perde tão fácil.

Respirei fundo, deixando que o vento atravessasse minhas orelhas, levando meu nome para algum canto da Casa. Silvestris surgiu entre os galhos como um traço de sombra e luz, seus olhos acompanhando cada borrão do meu corpo.

— Eu preciso encontrá-la — murmurei, sem saber se falava com ele ou comigo mesmo.

O Guardião inclinou a cabeça lentamente e, por um instante breve, tudo parou: as folhas, o vento, até as pequenas flores que dançavam nas frestas de luz.

Depois, Silvestris desapareceu — como quem dá permissão.

E foi assim que comecei a correr. Solon rolaria de rir se me visse correndo... pensei... Eu, que sempre observava tudo passivamente... Eu, que sempre pensava antes de agir...

O chão vibrava; cada passo devolvia um som diferente,





o vento sussurrava pistas e meu coração respondia.

Um som me guiava, não um som alto, não um pedido de socorro - um som de família, o som de que eu não estava sozinho.

Corri até onde o outono encontra o verão, onde o chão muda de temperatura e a luz fica mais clara e, ali, senti algo que não escutava desde que era apenas um filhote escondido sob raízes: um nome sendo chamado no vento. O meu.

E logo depois... Outros ventos se juntaram ao meu...

Ouvi Aurora...

ouvi Solon.

Ouvi Sálvia.

Ouvi o mundo.

Ouvi a estação inteira respirando — como se dissesse que cada passo que eu dei dentro do buraco, dentro de mim, tinha me trazido até ali por um motivo maior do que o medo.

A Casa das Estações me cercou devagar, com calor, com vida, com histórias e, pela primeira vez, desde que minha mãe e meu irmão desapareceram... não senti que estava procurando alguém. Senti que estava voltando pra casa.

Porque, antes mesmo de encontrar Aurora, Solon e Sálvia, eu sabia: a minha família — a que me trouxe ao mundo, estava em algum lugar...e a que o mundo trouxe pra mim — estava me esperando ali.

E, guiado pelo meu novo colar, pelo meu novo som, e pela lembrança que Aurora deixou em mim como um farol...

Eu fui.

De coração aberto.

De silêncio atento.

De outono inteiro.







Parte II

Sálvia, no Coração da Primavera que Sente







Sálvia, no Coração da Primavera que Sente I

Dizem que há cães que curam com lambidas, outros curam com palavras, eu... curo com presença.

Chego quieta. Sempre fui assim. Não entro em lugar nenhum fazendo barulho. Prefiro sentir primeiro o ar, o chão, o que está escondido entre as respirações. Dizem que meu jeito lembra um aroma doce que se espalha sem pedir licença — impossível de ignorar, mas impossível também de forçar.

Aprendi cedo que nem toda dor quer explicação. Algumas só querem companhia.

Eu ando como quem espalha calor pelo chão. Minha voz, segundo Aurora, parece chá morno em dia de nuvem. Gosto dessa imagem. Chá não resolve o inverno, mas aquece as patas.

Foi observando Aurora que entendi algo importante: a cura, às vezes, é o tempo que escolhemos oferecer. Nem sempre quem cuida precisa ter resposta. Às vezes, só precisa estar.

Eu sinto antes que a dor diga “aqui”, escuto sem perguntar, pressinto antes que o suspiro escape.

Há tremores que não vêm do frio, há tempestades que não aparecem no céu. Eu sinto tudo com os pelos, com o focinho, com a ponta das patas.

— Às vezes existem dores tão profundas que nós não sabemos explicar, Aurora — eu disse certa tarde, enquanto

colhia folhas de sálvia e flores de camomila. Ela tentava esconder uma lágrima teimosa, mas o solo sob nós já sabia.

Desde que nos tornamos matilha, comecei a sentir ainda mais. Não apenas o pulso da terra — mas o pulso uns dos outros. Aprendi a perceber quando o chão respira diferente.

Eu sou assim: chego devagar, escuto com o corpo inteiro. Onde piso, brotam perfumes. Às vezes, até o silêncio floresce.

Meus olhos têm cor de mel aquecido. Minha pelagem lembra tarde de sol sobre palha: caramelo-claro, leve, com cheiro de abrigo bom.

Do nosso grupo, sou quem conhece os ciclos. Sei os remédios da terra e os avisos do vento. Sei quando o silêncio é ausência demais. Sei quando a fruta já passou do ponto. Sei quando a dor cresceu demais para caber escondida.

Hoje preparei uma infusão com pétalas de amor-perfeito e raízes finas de dente-de-leão. Ela ajuda a respirar por dentro — e não, não é metáfora.

Aurora sorriu.

Solon torceu o focinho, dizendo que preferia o chá do outro dia — aquele com hibisco e gengibre que nos deixou acordados até a madrugada. Mas bebeu... e pediu mais depois, claro.



No Jardim da Primavera, as flores respondem ao que sentimos, mas também continuam sendo o que são: os





girassóis se inclinam para quem está triste, as violetas brotam quando alguém ri de verdade, as lavandas desabrocham no escuro — e perfumam a saudade boa.

Aurora gosta de deitar entre as flores de cerejeira azuleiras. Diz que o cheiro lembra a mãe. Quando fala isso, não olha para mim nem para ninguém, mas o solo suspira com ela.

Eu nunca a forço a falar, saudade também é raiz: precisa de tempo para aprender a florescer.

Ébano prefere as papoulas rubras. Dorme com um ouvido alerta, como se o mundo pudesse sussurrar segredos a qualquer momento.

Solon corre entre dalias e tulipas como se estivesse perseguindo o próprio verão, mas naquele novo levantar do sol... senti algo diferente no ar.



Enquanto não tínhamos tarefas de estudo, propus um jogo antigo: a Caça ao Aroma. Escondi pedacinhos de manjerição, hortelã e jasmim pelo jardim. Minha matilha precisava encontrar cada um apenas pelo cheiro. Quem encontrasse primeiro escolheria o chá e as frutas que compartilharíamos depois. Eu adoro esse jogo, não é sobre vencer, é sobre aprender a escutar o invisível.

Aurora foi a primeira a encontrar algo, apesar de não ser mais rápida, a mais forte ou a menor, ela era a mais concentrada. Tinha o faro apurado e o focinho colado no

chão.

— Aqui! — latiu ela, com as orelhas atentas e sacudindo o rabo.

— Não vale! Você deu a dica com o olhar — grunhiu Solon, entre dentes.

— A dica tava no vento — provoquei.

— O vento e você são cúmplices — ele bufou, fingindo estar emburrado.

Ébano apenas observava, deitado como quem vigia um segredo antigo, mas quando escondi um ramo de alecrim, foi ele quem encontrou. Não disse nada, só me olhou como quem entende tudo sem precisar perguntar.

— Por que você não tá procurando? — Perguntou Solon a Ébano.

— Você sabe que Ébano bebe qualquer chá, você e a aurora que querem sempre discutir pra quem vai escolher o chá da manhã — respondi antes que ébano sequer fizesse qualquer movimento.

— Então — pronunciou Aurora toda orgulhosa — já que eu fui quem encontrou as ervas primeiro, eu escolho o chá certo?

— Fazer o quê — resmungou solon. — Mas se me der um chá pra dormir, prometo que as pétalas da sua alcova vão magicamente sumir...

— Bem que você está precisando de um chá calmante, não acha, Sálvia? — perguntou Aurora

— Acho — Falou Ébano.

Solon rolou na grama verde e macia até todo seu pelo ficar cheio de grama, enquanto isso, a Aurora e eu





escolhíamos as ervas pro chá.

— O que você acha de baunilha e flor de laranjeira? —
Me perguntou Aurora.

— Escolha interessante, vamos descobrir no que dá? —
Respondi.



Quando o jogo terminou e todos havíamos bebido o nosso chá, que solon classificou como chá de pôr do sol, Aurora se deitou entre as flores. Eu me aproximei com um presente, uma trouxinha que eu havia feito com pétalas de lírio e mel. Geralmente utilizamos essas trouxinhas para perfumar nossos alcovas, ela aceitou em silêncio, com um brilho diferente nos olhos.

Quando a brisa começou a soprar de uma forma diferente. O jardim... suspenso. Como se esperasse algo.

Foi então que o chão pulsou, literalmente.

Um pulso ritmado, como o de um coração que desperta.

Aurora se ergueu de súbito.

— Você sentiu?

Assenti.

Do solo, brotaram raízes douradas e finas, entrelaçadas como uma trança viva. Elas formaram um caminho, floresta adentro.

O céu pareceu baixar um tom como se dissesse, baixinho: “é agora.”

— É hoje, não é? — Aurora murmurou. Minha voz veio baixa, mas o olhar de aurora foi firme.

— Nem toda travessia começa com uma porta — respondi. — Às vezes, começa com uma pergunta que não quer calar.

Pisei nas raízes, o caminho se moldou sob minhas patas: flores se abriram ao meu toque — não como antes, não como uma resposta às minhas perguntas, como sempre, mas com uma pergunta...

Aurora veio logo atrás, os pelos levemente eriçados, mas o passo firme.

Solon e Ébano pareciam estar envolvidos em uma discussão sobre sabores de pétalas, do outro lado do jardim, e não pareciam ter visto o caminho se abrindo para mim...

—Creio que somos só nós duas, falei para Aurora.

O Jardim da Primavera nos observava. Brisaterra nos acolhia, mas também nos testava.

O desafio tinha começado.

E não havia volta para quem pisa onde a terra sente.





Sálvia, no Coração da Primavera que Sente II

O caminho de raízes se estendia diante de nós, serpenteando entre flores altas que pareciam nos seguir com os olhos. Cada passo fazia o chão respirar mais fundo.

À medida que avançávamos, o ar mudava: Ora vinha doce, como chá de mel com lavanda. Ora amargo, como casca de laranja seca e boldo. Brisaterra estava nos falando, mas nem sempre de forma gentil.

— É como se ela estivesse... sentindo a gente — sussurrou Aurora, as orelhas atentas a cada estalo de galho.

— Ela sente. E decide o que mostrar — respondi, sentindo sob as patas a grama verdinha e gentil que pulsava no mesmo ritmo do meu coração.

Aquela bola de fogo enorme e amarela lançava raios gentis na nossa direção, e tudo era exatamente como eu lembrava, mesmo que esse lugar não fosse exatamente familiar, é que tudo aqui em brisaterra é meio parecido, e é preciso ter atenção para se guiar.

Foi quando as árvores começaram a se inclinar, formando um arco natural, a luz ali dentro era filtrada, tingida de verde e dourado, como se estivéssemos andando dentro de um vidro colorido.

O silêncio... não era silêncio - havia o som distante de algo que pingava e, mais fundo ainda, um coro baixo, quase um ronronar da terra.

— A gente tem que entrar ali? — Me perguntou aurora

— Creio que esse seja o caminho para seguirmos em frente, não sei ainda exatamente para onde, mas vamos?

— Prometo que vou me gabar quando chegarmos em casa para solon e ganharei o título de a mais corajosa da matilha!— Respondeu ela, estufando o peito e levantando as orelhas triangulares.

Esse pensamento pareceu alegrar a aurora, e ela seguiu um pouco mais confiante. Foi quando, após algum tempo caminhando, que, repentinamente, o chão se dividiu: um sulco, largo o suficiente para nos separar, cortou o caminho. De um lado, eu. Do outro, Aurora.

E atrás de nós, o caminho se fechou, raízes e folhas se entrelaçaram, e não nos permitiram voltar.

— Sálvia! — ela chamou, a voz com uma pontada de pânico e com um fundo de receio. Aurora imediatamente se deitou no chão, se enrolou em uma bola e começou a ganir baixinho.

— Aurora! Aurora! Aurora...Escuta o chão. Ele te leva para o lugar certo.

Passei o que pareceu ser um tempo infinito tentando chamar a sua atenção, conversar com ela, latir, tentei até saltar, mas eu não conseguia ver o fundo, então fiquei com medo de cair em um buraco imenso e acabar me machucando, nessa forma não conseguiria Ajudar a Aurora. Por fim, comecei a cantar as músicas da minha terra, baixinho, foi então que Aurora começou a reagir, primeiro apurou as orelhas, depois se deitou em uma posição mais relaxada, por fim abri os olhos e levantou a cabeça devagar...

— Eu me assustei muito, Sálvia, mas quando escutei





sua doce canção, me senti mais calma, obrigada amiga.

— Claro, quando você se sentir perdida, você sempre pode ouvir a minha voz; vamos continuar? Estou certa que encontraremos uma saída.

E seguimos.



Do meu lado, o ar ficou mais úmido.

As raízes agora eram cobertas de musgo, e o perfume lembrava chuva em folha nova. Eu sabia que o teste não era apenas correr, para sair do túnel, mas sentir.

Não era vencer, mas aprender com a experiência.

Do lado de Aurora, pude ouvir passos mais rápidos, como se ela estivesse correndo, e um som tilintados, como aqueles cristais que, pendurados em raízes, fazem um tipo peculiar de música, que eu só escutei aqui, em brisaterra.

Cada uma estava sendo guiada para algo que só poderia enfrentar sozinha.



Encontrei uma clareira.

No centro, uma pedra redonda, com água límpida acumulada no topo, como uma taça natural: olhei para o

reflexo e, por um momento, não vi meu rosto. Vi outros cães que chegaram antes de mim, que pisaram nas mesmas raízes, que erraram e voltaram. Vi dores que não eram minhas, mas que me pediam cuidado. Fechei os olhos, respirei fundo e soube que não estava ali para responder nada, mas para escutar.



Quando o sulco se fechou e Aurora reapareceu, percebi pelo olhar dela que também havia passado por algo. Fiquei muito curiosa para saber o que teria sido, mas sabia que, quando ela se sentisse confortável, iria me contar. Brisaterra nos molda assim: com silêncios cheios de significado.

E assim seguimos, passo a passo — ou talvez pata a pata — atravessando a clareira que se abriu diante de nós depois que saímos do túnel de raízes, onde cada flor parecia guardar uma história. Ao longe, um outro arco, dessa vez de pedras que marcava o início de um novo desafio se erguia, como convite. O caminho se estreitou, serpenteando entre pedras cobertas de musgo e pequenas flores que pareciam acender quando tocadas pela luz. Ao final da curva, o cenário se abriu como um segredo revelado.

No centro, havia um espelho d'água tão límpido que refletia o céu com mais fidelidade do que o próprio ar. Pequenas ondas se formavam de forma irregular, como se algo, sob a superfície, estivesse vivo e atento. Ao redor, quatro pilares de cristal sustentavam fitas translúcidas que ondulavam sozinhas, mesmo sem vento.





O Desafio das Ondas

O lago parecia respirar.

Não era apenas água — era um espelho que sentia, que ouvia, que devolvia o que a gente escondia de si.

Eu sabia, antes mesmo de Aurora se aproximar, que aquele lugar testava mais do que força ou coragem: ele escutava o que vivia dentro de nós.

A luz atravessava as fendas do teto em filetes dourados, refletindo na superfície com brilho de vidro líquido. O ar tinha um cheiro adocicado de flores recém-abertas, mas por baixo... havia algo metálico, quase elétrico, que fazia o corpo inteiro querer recuar.

Aurora deu um passo à frente — os pelos brancos dela pareciam captar a luz e devolvê-la em ondas.

— Olha só, Sálvia... parece um sol nascendo lá dentro! — disse, com aquela alegria de quem não acredita em perigo.

— Espere. — Minha voz saiu baixa, firme. O chão sob minhas patas vibrava de um jeito estranho, como se o lago tivesse pulmões.

Ela riu, mas não parou.

Um círculo se abriu, sozinho, bem diante dela. A água se ergueu num suspiro e, de repente, a superfície explodiu numa onda alta, azul e prateada, que tocou o teto da caverna e fez o ar inteiro brilhar. O vento quente bateu no meu rosto. Se Aurora tivesse avançado mais um passo, teria sido

engolida. Corri, instintivamente, e me coloquei diante dela.

— O mundo avisa, Aurora. Eu só escuto. — Ela me olhou assustada, depois envergonhada, e abaixou as orelhas.

Ficamos ali, lado a lado, vendo o lago se acalmar — como se nada tivesse acontecido. Mas eu sabia: ele não tinha tentado feri-la, apenas nos testar. A água também queria saber se estávamos prontas para ouvir.

Respirei fundo, sentindo o ar mudar de temperatura, e murmurei:

— Nem tudo que brilha é convite. Às vezes é aviso. Aurora suspirou, abaixando a cabeça de leve.

— Ainda bem que você entende essas coisas, Sálvia. Eu só vejo o bonito. —

Sorri.

— E é por isso que a gente anda juntas. Você vê o bonito; eu ouço o silêncio.

Seguimos em frente, e o lago atrás de nós permaneceu quieto, mas seu reflexo ainda tremia — como se guardasse, dentro da água, o eco das nossas vozes.





A Travessia e o Jardim da Primavera

Depois do lago, a passagem se abriu sozinha.

Um arco de pedras cobertas de musgo respirava diante de nós, e a luz que vinha de dentro era diferente — dourada e verde, como se o ar fosse feito de seiva e mel.

Dei o primeiro passo, sentindo o chão fofo sob as patas.

O silêncio parecia vivo, cheio de sons que não se mostravam: o estalo das raízes, o sussurro das folhas, a pulsação lenta da terra. Era como andar dentro de um coração que ainda batia.

— É bonito aqui — murmurou Aurora, a voz baixinha, quase uma prece.

— Bonito... e atento. — respondi. — Brisaterra gosta de observar quem pisa nela.

O ar tinha gosto de chuva guardada, e cada sopro trazia um perfume novo — lavanda, mel silvestre, alecrim. Havia também o cheiro das emoções dela, que eu aprendi a reconhecer: curiosidade, coragem, e aquele leve temor que sempre antecede o aprendizado.

O túnel se estreitou e, de repente, abriu-se em uma clareira de luz líquida. No centro, um espelho d'água cercado por flores de todas as cores possíveis. Borboletas translúcidas passavam por nós, tocando o ar como notas de uma música muda.

Aurora correu um pouco à frente, e o rabo dela balançava como uma bandeira de alegria.

— Vem! — latiu, e eu sorri. É impossível não segui-la quando fala assim.

Mas quanto mais ela avançava, mais as flores se fechavam atrás de nós, como se o jardim nos observasse.

— Devagar, Aurora. Este lugar escuta o que sentimos.

— E se eu estiver feliz? — perguntou, virando a cabeça.

— Então ele vai florescer contigo.

Fechei os olhos um instante e senti: o chão pulsava, quente e úmido. Segui o cheiro dela — mel misturado ao pólen, ansiedade e encanto — e me deixei guiar.

As flores se moviam, não para me afastar, mas para me testar. Era assim que Brisaterra ensinava: só quem confia no faro encontra o caminho.

Quando enfim a alcancei, ela estava encolhida sob um arco de folhas, o peito arfando. Borboletas pairavam sobre ela, vibrando as asas como se quisessem afagar.

Aproximei-me, roçando o focinho no dela.

— Ei... está tudo bem. O jardim só quer saber se você confia no que sente.

Ela me olhou, os olhos castanho-escuros ainda marejados, e respirou fundo.

— Eu confio — respondeu, baixinho.

E então, o chão à nossa frente floresceu.

Pétalas se abriram em círculo, revelando um colar trançado de flores e raízes. No centro, um pingente verde, em forma de peça de quebra-cabeça, brilhava com o reflexo do





sol.

Aurora empurrou o colar na minha direção com o focinho.

— Ele é seu. O coração da Primavera te reconheceu.

Coloquei o cordão e senti o peso leve dele sobre o peito.

O perfume era doce, fresco, quase vivo — como se o próprio jardim respirasse comigo.

Sáímos juntas, e o caminho atrás de nós se fechou, flor por flor, folha por folha.

À frente, um túnel dourado nos esperava, pulsando de luz.

O Retorno à Casa das Estações

O túnel dourado se abriu diante de nós, e por um instante, pensei que o próprio sol nos esperava do outro lado.

A luz era quente, mas não ardia; acariciava. Sentia-se o cheiro da terra depois da chuva, o doce da seiva nova, o sal leve das lágrimas que Aurora ainda não sabia nomear.

Caminhamos juntas. As flores se inclinavam ao nosso redor, e o chão parecia agradecer nossos passos.

Cada pétala era um adeus, cada aroma um até logo.

Quando atravessamos o arco, o brilho mudou — e reconheci o contorno do lugar que chamávamos de lar: a Casa das Quatro Estações.

O chão sob minhas patas era o mesmo, mas havia algo diferente. Um calor pulsava sob o musgo, como se o jardim guardasse a lembrança de tudo o que havíamos vivido em Brisaterra.

O vento soprou devagar, espalhando o perfume da primavera — e, por um segundo, pensei ter ouvido o riso do jardim antigo, aquele que floresce apenas para quem confia.

Virei para chamar Aurora, mas o espaço estava vazio.

O cheiro dela ainda pairava no ar — leve, fresco, com traços de baunilha e flor de laranjeira —, mas se desfazia aos poucos, como quem segue adiante em outra travessia.

Senti um aperto doce no peito.

Abracei o colar ao redor do pescoço — o pingente em forma de peça de quebra-cabeça, verde e vivo — e deixei que





o vento brincasse com os fios do meu pelo.

O sol filtrava-se por entre as folhas, pintando o chão com manchas de luz.

Sentei-me entre as flores, ouvindo o canto distante de um pássaro que nunca se mostrava.

Talvez fosse assim mesmo: a vida se abrindo e fechando em ciclos, e a gente aprendendo a sentir o tempo de cada coisa.

O jardim estava silencioso, mas não vazio.

Carregava dentro dele a promessa de que, em qualquer estação, sempre há sinais para quem sabe escutar.

E eu... eu escutava.

Parte II

Solon, no Fogo do Verão que Desperta





Entre Grãos e Raios: Onde Verão Corre

Se tem uma coisa que todo mundo sabe sobre mim, é que eu não nasci pra andar devagar. Alguns dizem que é falta de paciência, eu digo que é otimização de tempo: por que levar dez passos se posso chegar em cinco saltos?

Naquela manhã, o sol estava tão dourado que parecia querer competir comigo pra ver quem brilhava mais. E, modéstia à parte, acho que eu ganhei. Minha pelagem dourada com manchas quentes refletia cada raio, e até Aurora comentou:

– Solon, você tá praticamente pegando fogo.

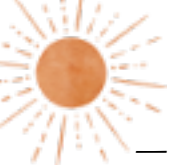
– É que hoje acordei inspirado — respondi, balançando a cauda como quem está prestes a inventar confusão.

Estávamos todos no campo central da Casa das Estações, aquele ponto mágico onde as quatro estações se encontram. Aurora, claro, era a primeira a tentar correr comigo. Ela tem essa vantagem de ser compacta e ágil, um raio branco e caramelo que mal deixa o vento encostar. Mas não me engano: ela sempre tenta ganhar de mim só pra dizer que conseguiu.

Atrás dela vinha Sálvia, com aquele jeito elegante até correndo — como se estivesse desfilando no meio de uma tempestade de pétalas. E lá no fundo, Ébano, que jurava não estar competindo, mas que sempre aparecia na chegada com aquele ar de “eu só estava observando”.

— Último a chegar no carvalho é cogumelo mofado!





— gritei, e disparei antes que qualquer um tivesse chance de responder.

Aurora soltou uma risada curta e foi atrás.

Sálvia balançou a cabeça e correu também, sem perder a compostura. E Ébano... bom, ele olhou pro carvalho, olhou pra gente, e só disse:

— Cogumelos não correm.

Quando chegamos, todos rimos ofegantes (menos Ébano, que parecia ter feito um passeio contemplativo), Silvestris apareceu como uma tempestade de grãos, ao longe, praticamente na borda do campo dourado, sua presença fez as folhas girarem ao nosso redor.

Aparentemente, ébano e Sálvia não tinham visto a sua chegada... O que me intrigou; Olhei para Aurora, e ela parecia ter visto silvestris, assim como eu...

— Que tal um desafio? — Perguntei, já começando a caminhar na direção dele.

— Desafio é? — Falou a aurora com aquele tom que mistura anúncio e enigma.

Meu coração disparou, mas não por medo. Se tem uma coisa que eu sei fazer, é estar pronto pra qualquer coisa.

E mal sabia eu que esse desafio ia exigir não só velocidade... mas coragem de verdade.



Silvestris não é do tipo que aparece pra bater papo. Quando ele surge, é porque tem propósito — e geralmente é

um propósito que deixa os bigodes do corpo inteiro eriçados.

Ele me olhou com aqueles olhos cor de grão torrado e disse, sem dizer: *vem*.

Não foi palavra, foi instinto. E eu, que não sei dizer “não” nem pra uma aposta de pular num lago gelado, já estava andando na direção dele.

Aurora correu até meu lado.

— Sabe que você tá indo se meter em alguma encrenca, né?

— Se não tiver encrenca, não tem história.

Ela riu daquele jeito rápido, como se já soubesse que ia ter que me tirar de algum buraco.

Seguimos Silvestris até a beira de um campo de trigo tão alto que sumia na altura dos meus ombros. Cada espiga parecia feita de ouro líquido, e o vento fazia ondas como se o campo respirasse. Mas o silêncio ali... era estranho. Silêncio de coisa viva prestes a se mover.

— Lá dentro, algo está atrapalhando a colheita do verão — disse Silvestris. — E não é algo que se espante fácil.

— E como eu descubro o que é?

Ele sorriu, ou pelo menos fez o que eu acho que é um sorriso de raposa.

— Você corre, corre até encontrar e, quando encontrar... encara.

Eu não precisava ouvir duas vezes, Mergulhei no mar dourado, Aurora logo atrás. O trigo se fechava atrás de nós como portas, e a cada passo o cheiro de sol e grão torrado ficava mais forte.





Lá no fundo, um som seco — tac... tac... tac — quebrava o ritmo do vento. Aurora parou, as orelhas em alerta.

— Isso não é vento.

— Não — respondi, já sentindo meu corpo inteiro pronto pra disparar.

E foi aí que vi: um círculo aberto no meio do campo, as espigas deitadas como se algo tivesse passado girando. No centro, uma sombra baixa e rápida, farejando, cavando, como se procurasse destruir tudo.

— A gente vai precisar ser mais rápido que ela — sussurrei. Aurora lambeu o focinho. — Aposto que eu chego primeiro.

— Aposto que não.

E, sem mais, disparamos.

O som ficou mais forte: tac... tac... tac... — como um gongo distante, mas abafado pelo trigo.

Aurora e eu diminuímos o passo, tentando não fazer as espigas balançarem demais. Silvestris não tinha vindo junto; o que quer que fosse, era minha corrida, meu desafio.

O círculo de trigo amassado se abriu diante de nós como um olho enorme. No centro, a coisa — se é que dava pra chamar de “coisa” — se movia. Não tinha patas, nem asas, nem rosto: era uma massa quente e ondulante, meio transparente, como miragem em estrada ... e pulsava. A cada pulsar, o calor aumentava, e as espigas ao redor murchavam, virando pó dourado.

— É... não é o tipo de bicho que dá pra fazer carinho — murmurei.

Aurora fez uma careta.

— Você sempre tem as melhores ideias de passeio.

De repente, ela parou de pulsar e... escutou. Como se soubesse que estávamos ali.

Foi rápido. A massa disparou, se arrastando e saltando ao mesmo tempo, sem fazer som de passos — só um estalo seco no ar, como se o calor quebrasse algo invisível.

— Corre! — gritei, e dessa vez não era aposta.

Pulamos por cima das espigas deitadas, desviamos das partes onde o trigo já estava queimando. A coisa vinha atrás, mas não corria: deslizava, aparecendo e sumindo como fumaça. O problema? Cada vez que ela sumia, aparecia na frente.

— Isso é roubo! — reclamei, me jogando pro lado quando ela bloqueou o caminho. Aurora mergulhou por baixo de um feixe de espigas e surgiu do outro lado, latindo alto pra chamar minha atenção.

— Solon, ela tá cercando a gente!

Eu sabia. E era isso que me irritava:

— Não cerquem o Solon do Verão, ouviu?!

Joguei o corpo pra frente, acelerei até sentir minhas patas queimarem no contato com o solo seco. A coisa tentou interceptar, mas aí eu mudei de direção, cortando pelo lado onde o vento estava mais forte. Foi aí que percebi — o vento empurrava a massa amorfa pra trás, como se ela tivesse peso no calor.

— Aurora! Empurra ela pro vento! — gritei.

Ela entendeu sem precisar perguntar. Corremos em círculo, obrigando a criatura a se mover na direção certa. Ela pulava, torcia o corpo, se desfazia e se juntava, mas cada vez





que pegava a corrente quente, se espalhava, como se fosse perder o controle.

Num último salto, eu atravesssei o centro do círculo, sentindo a onda de calor quase cortar minha respiração. Aurora veio pela lateral, rápida como flecha, e juntos conseguimos empurrar a coisa pra onde o trigo já estava alto de novo.

Quando o vento bateu mais forte, a massa se fragmentou em fios de luz incandescente... e sumiu, deixando só o cheiro de grão tostado e a marca circular no chão.

Ficamos lá, arfando, o pelo grudado no corpo pelo suor.

— Eu acho que a gente ganhou.

Aurora me olhou, ainda sem fôlego.

— Ou ela só foi se esconder pra planejar a revanche.

— Ótimo. Eu adoro segundas rodadas. —

O trigo ainda dançava ao nosso redor, mas o ar mudou de peso — ficou quente, elétrico, como se outra terra começasse a respirar por baixo da nossa.

E então o dourado das espigas foi se dissolvendo diante dos nossos olhos; o farfalhar suave deu lugar a um sopro áspero, e onde antes havia campo macio, a areia começou a se espalhar sob nossas patas.

Depois que disse isso, fiquei pensando que aqui era muito, mas muito parecido com minha terra natal....

— Em Flamaré, a “segunda rodada” nunca vem calma.

Então, decidi agir como se estivesse em casa: aqui, quando o céu escurece, não é pra chover de mansinho. É pra cair trovão como quem late bem, bem, mas bem alto, e o

vento chega rodando como um cão impaciente.

Aurora olhou pro horizonte, as orelhas eretas. O azul estonteante do céu já tinha virado um azul escuro turvo, e as nuvens se amontoavam como cãezinhos tentando se aquecer no frio. O cheiro de sal e ozônio enchia o ar.

— Isso é... normal por aqui? — ela perguntou.

— Claro que é. A gente chama de “brisa da tarde” — falei, tentando parecer sério. Aurora me olhou com perguntas nos olhos.

— Brisa?

— Brisa com músculos.

Um relâmpago azul elétrico cortou o ar, iluminando as dunas douradas e as palmeiras que balançavam como se quisessem fugir. Lá no alto, aves flamejantes atravessavam o céu, gritando como quem avisa que é hora de procurar abrigo. Só que, no meu caso, “abrigo” significava “ir até o olho da tempestade”.

Foi aí que vimos. Entre as dunas, algo estava se formando: um outro redemoinho de água e luz, mas não como os normais de Flamaré. Esse tinha um núcleo pulsante, quase líquido, que trocava de cor — ora turquesa, ora vermelho vivo, como fogo molhado. E, a cada volta, o chão trepidava. Aurora suspirou.

— Você vai querer correr pra dentro disso, não vai?

— É claro. Eu sou de Flamaré. A gente não corre da tempestade, a gente corre com ela.

Disparamos, e a primeira rajada quase me jogou contra um coqueiro. O vento tinha cheiro de maresia misturado com algo elétrico, como se a tempestade fosse





um bicho papão respirando sobre nós.

As ondas do Mar da Chama Azul batiam forte na praia próxima, como corações gigantes marcando o passo da corrida.

O redemoinho nos viu — não sei como, mas sabia que estávamos ali. Percebi então, que precisaríamos novamente trabalhar em conjunto para vencermos aquele papão.

As rajadas começaram a nos empurrar de lado, levantando areia como agulhas.

— A gente precisa chegar perto do centro! — gritei.

— Perto? Eu pensava em... sei lá, observar de longe! — Aurora respondeu, gritando pra vencer o barulho.

Corremos em zigue-zague, tentando não perder o equilíbrio nas dunas de areia Fininhas e traiçoeiras. Um raio branco caiu tão perto que senti o calor atravessar o ar como lâmina. O núcleo líquido do redemoinho girou mais rápido, e percebi algo brilhando dentro dele Primeiro, não entendi o que era, depois percebi uma forma... lembrava... Uma peça? Tipo aqueles quebra-cabeças que montamos juntos lá na casa das estações... Era isso? Um cordão... Pensei... Esse é o meu cordão.

Não era só brilho. Era meu cordão de conquista: uma pedra vermelha entrelaçada com palha dourada, e o pingente de brasa viva no centro. Ele parecia pulsar junto comigo, como se chamasse.

— É ele! — eu disse, apontando. — O meu cordão tá lá dentro!

Aurora fez uma careta.

— Eu devia ter ficado em Glacivita.

Com o vento uivando, avancei. Cada passo contra o redemoinho era como empurrar o próprio verão de volta pro céu. A areia amarela cortava as patas, mas eu não recuava. O núcleo girava mais rápido, quase de uma maneira hipnotizante.

Quando finalmente saltei, o calor me engoliu. Não era só vento e luz — era como mergulhar em um coração de tempestade. O pingente estava ali, suspenso, brilhando. Segurei com os dentes, e uma explosão de calor e energia atravessou todo o meu corpo.



Depois que o cordão estava confortavelmente e meu pescoço, pulsando como se fosse parte de mim. A tempestade parecia não gostar nada disso; procurei aurora, já que quando saltei, ela tinha ficado no meu flanco direito, e não tinha me acompanhado no salto... o redemoinho começava a se afastar, mas rugiu, novamente, lançando contra nós rajadas de vento e areia como se quisesse engolir tudo de volta.

— Aurora! Aurora! Aurora!

Lati, Já com uma nota de desespero na voz...

Me afastei do núcleo da tempestade, que ia em uma direção contrária, andei e andei, e quando estava começando a ficar realmente em pânico, eu a vi, meio soterrada em um montinho de areia clara...





Corri, usei as minhas patas para dessoterra-la...

— Aurora! Aurora! Eu estou aqui, aurora! Eu estou aqui! Lati... Foi então que Aurora piscou várias vezes, sacudindo a cabeça.

— Solon... eu... não consigo ver direito... — a voz dela estava trêmula, com um misto de medo e solidão. — É tudo luz e sombra misturado, como se o sol tivesse se quebrado e espalhado no vento...

— Então faz o que eu digo, Pequenina, e vamos sair daqui juntos.

— Você tá pensando em me guiar no meio desse caos

— Pensando não. Já tô fazendo.

Encostei meu ombro no dela, firme, como um cão de ancoragem. Cada passo que dávamos eu ajustava o ritmo, empurrando contra o vento e desviando das dunas traiçoeiras. Minha cauda batia no flanco dela, como uma bússola viva, marcando a direção.

— Sente a areia sob as patas — eu disse. — Grãos finos, desce. Grãos grossos, sobe. Segue meu peso.

Ela riu, um riso nervoso que cortou o som da tempestade.

— Isso não é um treino, Solon...

— Tudo é treino quando a vida depende disso.

Finalmente, finalmente, o redemoinho estava ficando para trás, mas ainda nos perseguia com relâmpagos que estouravam no horizonte como fogos de guerra. Eu percebia a respiração dela acelerar quando passávamos por áreas onde o vento mudava de direção, tentando nos empurrar para longe. Então eu parava, bloqueava com o corpo, e só

seguia quando sentia ela firme de novo.

— Declive! — avisei, parando antes que ela tropeçasse
— Pula comigo no três... um... dois... três!

Aterrissamos na parte mais dura da praia, onde a espuma do mar vinha lamber nossas patas. O sal queimava as pequenas feridas, mas também me lembrava de casa. Mais alguns metros e já podíamos ouvir o som mais reconfortante que existe depois de uma tempestade: o silêncio quebrado só pelo bater das ondas.

Quando finalmente cruzamos a última barreira de areia, a tempestade parou de nos seguir. O céu abriu, revelando um sol dourado que caía lento no horizonte. Aurora respirou fundo.

— Você me guiou... — ela disse, quase surpresa.

— Eu te disse que ia fazer, lembra? Eu sou de Flamaré, mas guiar é coisa que aprendi na Casa das Estações.

Ela deu um sorriso cansado.

— Eu prefiro quando você corre para o perigo sozinho.

— Pois é... mas agora a gente correu juntos. E isso, Pequenina, é muito mais divertido.

Voltamos lado a lado, com o cordão pendendo do meu pescoço e o cheiro de maresia nos seguindo, prontos para atravessar o portão e voltar para casa. Foi entre dois raios de sol que eu vi uma espécie de portal para a Casa das Estações surgindo à minha frente, recortado contra o céu alaranjado. A maresia ainda grudava no meu pelo, e o cordão no meu pescoço parecia mais pesado agora — não pelo peso real, mas pelo que ele carregava.

Atravessei o arco, pelo que pareceu ser a primeira vez,





sem pressa. O pátio estava quieto, só o som suave das fontes e o farfalhar das folhas. Nenhum outro rastro na areia da entrada. Aurora não estava comigo... Senti uma pontada de pânico no peito, mas depois, comecei a respirar lentamente... Eu sabia que ela tinha voltado comigo, eu... eu sabia... e eu sabia que ela ia chegar bem. Era o combinado silencioso entre nós: cada um volta no seu tempo.

O vento dali era diferente. Não era o vento forte de Flamaré, nem o sopro frio de Glacivita. Era um vento que sabia meu nome e que sempre me recebia igual, mesmo depois das tempestades.

Subi a escadaria, e ao cruzar o último degrau, soltei um suspiro.

— Mais uma rodada vencida... — murmurei, sentindo um sorriso se formar. — Mas não importa quantas rodadas a vida invente... sempre vale correr, se for por algo que acenda fogo no peito.

E, com o sol se pondo atrás da Casa das Estações, entrei, pronto para encontrar a minha matilha, lá no alto da casa das estações.

Parte III

O Desafio dos Corações Estelares





Nota da Narradora O Desafio dos Corações Estelares

Antes de continuar

Este capítulo reúne os ecos das jornadas anteriores.

Se você ainda não leu as histórias de Sálvia, Solon e Ébano, talvez este seja um bom momento para voltar e escolher o seu próximo caminho.

O coração celeste pulsa com todas as estações — e cada uma delas precisa florescer antes do encontro final.

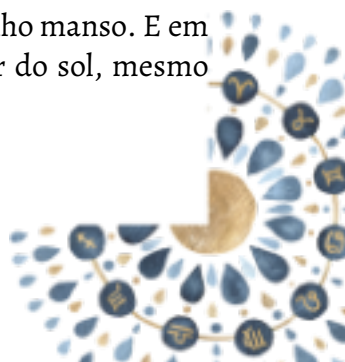
O Último Cielo de Luz

As luas e os sóis de Íris se alternavam, tecendo dias e noites como fios de uma constelação antiga. Eu, Aurora, vivia na Casa das Estações junto com Solon, Ébano e Sálvia como quem respira em harmonia: sem pressa, sem medo. Treinávamos de manhã, brincávamos à tarde, e à noite nos aninhávamos sob o mosaico celeste que se projetava no teto do grande salão.

Eu gostava de correr até a fonte gelada no pátio norte, mergulhando as patas na água e espalhando respingos como pequenas estrelas líquidas. Solon preferia desafiar a maré de vento que cruzava o terraço, pulando para alcançá-la como se fosse uma labareda dançante. Sálvia se deitava junto aos canteiros de flores medicinais, farejando cada aroma como quem decifra segredos da terra. Ébano, sempre curioso, passava horas nas galerias de conchas e sinos de vento, ouvindo histórias contadas em sons.

Os dias tinham gosto de descoberta. Acordava cedo só pra ouvir como o vento sussurrava notícias diferentes quando vinha de cada lado do continente. Bastava descer os degraus em espiral e o pátio central já virava um festival de estações.

Do lado de Glacivita, o chão guardava um círculo de geada que estalava baixinho sob as patas. Em BrisaTerra, pétalas passavam voando e perfumavam até os pensamentos. Em Lufardor, folhas âmbar faziam um redemoinho manso. E em Flamaré, pedras quentes guardavam o calor do sol, mesmo quando a sombra chegava primeiro.





Solon sempre era o primeiro a aparecer, rindo com os olhos verde-jade. O cordão dele — vermelho flamejante — batia no peito feito um tambor animado.

— Treino de manhã conta em dobro, Matilha! — ele latia, já correndo pro lado de Flamaré.

— Dobro de barulho, você quer dizer — Ébano resmungava, sorrindo por dentro, a pelagem preta em cachos brilhando sob a luz filtrada. O âmbar do pingente dele parecia carregar um pôr do sol inteiro.

Sálvia vinha logo atrás, caramelo da cabeça à cauda, os olhos de mel lendo o ar como quem lê um mapa invisível. O cordão verde, feito de pétalas e raízes perfumadas, respirava junto com ela.

— Hoje eu lidero o aquecimento — falou Sálvia, séria de leve. — Percurso da atenção.

— Atenção é o meu sobrenome — Solon se gabou.

— Seu sobrenome é "confusão", Solon — Ébano devolveu, de um jeito tão manso que até a brisa riu.

Eu chegava logo depois, as orelhas triangulares ainda levantadas de curiosidade, a pelagem branca com o perfume suave das pétalas de cerejeira azul da minha alcova. Solon dizia que meus olhos castanho-escuros ficavam mais fundos quando eu estava prestando atenção em tudo ao mesmo tempo — e eu, na maioria das manhãs, estava prestando atenção em tudo ao mesmo tempo.

Sálvia montou o trajeto pelo pátio: começar no frio de Glacivita, atravessar o tapete de pétalas de BrisaTerra, ouvir o farfalhar de Lufardor sem se distrair e, por fim, pisar nas pedras quentes de Flamaré sem perder o compasso.

—Aurora, você ancora o grupo, combinado? — disse Sálvia pra mim. — Se alguém acelerar demais ou travar, você regula o ritmo.

— Âncora oficial, presente — respondi, encostando meu ombro no de Solon. Ele é o maior, mas sempre encaixa certinho quando precisa de um eixo.

Partimos. No trecho gelado, o estalo do gelo de Glacivita fez Solon querer saltar; eu encostei nele, peso discreto, e ele sorriu:

— Tá, tá... linha reta.

No corredor de pétalas de BrisaTerra, Sálvia ergueu o focinho.

— Desviem à esquerda. Pólen adormecente à direita.

Obedecemos sem pensar duas vezes. Eu podia jurar que as violetas assentiram.

Chegando em Lufardor, Ébano levantou uma orelha.

— Ouçam. Três estalos, pausa, dois estalos.

— Isso é código de quê? — perguntei.

— De que alguém derrubou nozes no corredor leste — ele falou, baixinho.

— Fui eu — admiti, rindo. — Queria ver se você estava atento.

— Sempre — ele disse, e o âmbar do pingente pareceu piscar.

Então vieram as pedras quentes de Flamaré. Solon desacelerou sozinho, sentindo cada superfície com as almofadas das patas, como no treino de guia.





— Obstáculo à frente — anunciou, mesmo sem ver nada —, dois tocos baixos, diferença de nível em seguida.

— Eu não tô vendo — falei.

— Mas tá sentindo meu ritmo, não tá? Confia — ele sorriu.

Quando terminou o percurso, todo mundo caiu na grama do centro de Íris, rindo, língua de fora. A Casa respirava com a gente. Sylvestris passou ao longe, aprovando com o olhar de madeira antiga. O vento rodou e trouxe cheiros misturados: gelo limpo, flor recém-aberta, folha velha e pedra quente. Minha parte favorita do mundo.

— De novo? — Solon pediu.

— Depois do chá — Sálvia decretou, já pegando uma caixinha com folhas. — Hoje é blend de calma alerta.

— Isso existe? — perguntei.

— Agora existe — ela sorriu.

Ébano olhou pro céu, pensativo.

— Ouviram?

— O quê? — Solon e eu perguntamos juntos.

— Nada — ele respondeu, franzindo o nariz. — Às vezes o nada fala.

Bebemos o chá — morno, com perfume de lavanda e um fundo verde que acordava — e ficamos ali, em conversa mansa e provocações bobas, como toda matilha que se ama sabe fazer.

Assim passavam luas e sóis, sem pressa.

Até que, numa noite que não virou dia, o tempo prendeu o fôlego.

As luas não surgiram, o sol não chegou e o céu... não tinha cor.

Não era azul, nem lilás, nem laranja nem púrpura, nem dourado. Era feito de ausência — um vazio que parecia segurar o mundo suspenso.

Acordei primeiro. A respiração dos outros ainda formava um coro lento no ar, cada um preso no seu próprio sonho. Me espreguicei, deixando que o calor da minha matilha e a lembrança suave de Glacivita, de minha casa, de meus pais e de meus irmãos, me confortasse.

Acima de mim, o painel sobre minha alcova não mostrava o céu como eu conhecia. As constelações se moviam depressa demais, cruzando-se em trajetórias que pareciam impacientes, como se estivessem desordenadas, perdidas, não sei...

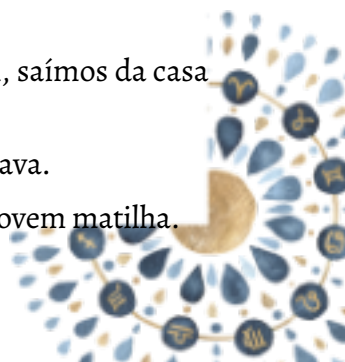
Olhei pela borda da casa, para o pátio, lá embaixo, e notei que, de alguma forma, o tempo parecia suspenso numa quietude estranha — nem o farfalhar perfumado de BrisaTerra, nem o estalo gelado de Glacivita, nem o sussurro dourado de Lufador, nem o calor pulsante de Flamaré vinham me chamar. Era como se as estações, por um pacto secreto, tivessem decidido se calar juntas.

Alguns momentos depois, Solon surgiu atrás de mim, seus passos firmes e estrondosos reverberando pelo piso como tempestade. Ébano apareceu logo depois, tão silencioso que mais parecia ter sido moldado pela própria sombra. Sálvia entrou por último, focinho erguido, farejando o ar como quem lê folhas de chá que só ela consegue entender. Foi nesse instante que percebi: algo, em algum lugar, havia mudado — e não havia como voltar a dormir.

Descemos correndo pela escada espiral, saímos da casa principal e, lá estava ele...

No centro da clareira, Sylvestris aguardava.

— Há um desequilíbrio no céu, minha jovem matilha.





Quando sua voz ecoou, parecia vir de todas as direções — grave, funda, como vento sob pedra.

— A constelação do Coração Estelar adoeceu. E sem ela... o ciclo das luzes não pode continuar.

Um clarão revelou o caminho de Estrelas, moldado em cristal vivo e musgo cósmico. De dentro dele, nasceu a Passagem Celeste: uma ponte de luz etérea que só se revelava sob as patas de quem confiava uns nos outros.

Foi sobre essa ponte que surgiu Noctis, a guardiã das criaturas noturnas e das trilhas ocultas do céu. Tinha forma de loba alada, olhos que guardavam galáxias, e pelagem que mudava conforme as fases da lua.

— Vocês foram chamados porque não brilham sozinhos — disse ela, e sua voz era como luar prateado em noite profunda.

Ela pousou as asas devagar. Quando falou de novo, o tom havia mudado — não era medo, mas o peso de quem carrega uma ausência há tempo demais.

— Meu irmão se chama Diurnus. Ele governa o ciclo do dia: onde passa, o sol encontra seu caminho, as cores acordam e o mundo lembra que existe um amanhã. Mas há um tempo — longo demais — que ele desapareceu. Eu não sei o que aconteceu. Não sei onde está.

Ela virou o rosto por um instante, como se o horizonte sem luz fosse uma ferida que ela ainda aprendia a olhar.

— Sem Diurnus, o ciclo da luz se quebrou. O Coração Estelar, a constelação que ancora o equilíbrio entre noite e dia, começou a se fragmentar. Cada pedaço foi para uma trilha diferente do firmamento — guardado por uma criatura que não consegue se libertar sozinha, presa entre o que foi e o que não sabe mais ser.

Ela nos olhou um a um, devagar.

— Para devolver cada estrela ao céu, não basta força. Cada fragmento responde a algo diferente: a uma virtude que ainda está crescendo em vocês. Não precisa estar pronta. Precisa ser verdadeira.

Uma pausa. O ar ficou quieto.

— As trilhas guardam a memória das terras onde cada um de vocês nasceu — mas transformadas, como paisagens que existem entre sonho e lembrança. Vocês vão reconhecer o cheiro, a textura, a luz. Mas o que encontrarão dentro delas é diferente de tudo que já viveram. O continente as moldou para vocês — não para confortar, mas para revelar.

Ela abriu as asas com cuidado, como quem segura algo frágil.

— Quanto ao meu irmão... espero que o encontrem. De verdade. Mas não sei onde está, e não sei se é possível. O que sei é que, se houver matilha capaz de refazer o que o céu esqueceu, é uma que aprendeu a confiar no invisível.

Com o bater suave das asas, Noctis revelou o Mapa Vivo do Céu: uma tapeçaria de luz e som, onde a constelação do Coração Estelar aparecia fragmentada em quatro partes. Cada fragmento estava guardado em uma trilha diferente do firmamento, sintonizada não com o coração que já conhecíamos — mas com o coração que ainda precisávamos descobrir.

Flamaré para Aurora.

Glacivita para Solon.

BrisaTerra para Ébano.

Lufardor para Sálvia.





Quatro caminhos. Quatro guardiões. Um só destino.

Quando nos aproximamos da Passagem Celeste, percebi que não estávamos sozinhos.

Ao redor da clareira, dezenas de cães da Casa das Estações aguardavam.

Não era um silêncio de medo.

Era um silêncio de confiança.

Filhotes menores se encolhiam junto aos mais velhos. Alguns erguiam o focinho para o céu. Outros batiam as caudas no chão num compasso contido, como se segurassem a própria empolgação.

Sylvestris não disse palavra, mas o olhar dele dizia tudo:

"Vocês não vão sozinhos."

E eu senti — cada passo que daríamos levaria conosco o coração inteiro da Casa.

Olhei para os amigos, não senti medo: senti casa.

E assim começou o desafio final.

A Ponte e as Quatro passagens

A Passagem Celeste se estendia como um rio de luz suspenso sobre o nada. Sob nossas patas, estrelas douradas, vermelhas, azuis, verdes e brancas despertavam uma a uma, pulsando como se só confiassem em quem pisa com intenção. O ar ali não tinha temperatura — era como respirar memória.

Caminhávamos próximos, ombro encostado em ombro. A cada passo, o som suave das patas sobre a luz fazia um eco que não voltava, como se o caminho engolissem tudo que não fosse agora.

Solon olhou para os lados, olhos de jade vivos, e soltou:

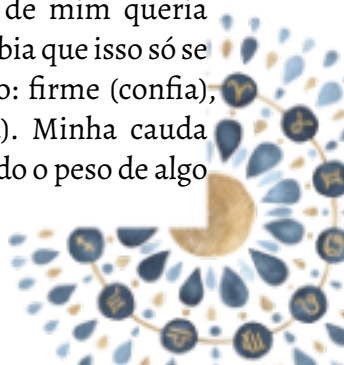
— É como andar no coração de um cometa.

— Cometa? — Sálvia, com seu olhar de mel e calma, ergueu o focinho, farejando algo que não era cheiro. Ébano murmurou que parecia mais uma veia do céu. Solon franziu o cenho:

— O céu tem veias?

— É como se tivesse — Ébano respondeu, no seu tom grave que roça o silêncio. — Como se fosse um grande cão adormecido.

Eu não respondi logo. Sob minhas almofadas, cada estrela parecia pulsar como um coração distante, e eu queria compreender o que ele sentia. Uma parte de mim queria consertar o que estivesse errado, mas outra sabia que isso só se faria junto. Meu corpo lia o caminho inteiro: firme (confia), vacilante (alerta), quente (passagem aberta). Minha cauda balançava num compasso próprio, equilibrando o peso de algo que ainda não sabia nomear.





Lembrei das noites na Casa das Estações: das corridas até o portão de BrisaTerra, das disputas de salto em Lufardor, dos cochilos preguiçosos junto ao vento fresco de Flamaré. Essa travessia tinha o mesmo gosto de antes de uma brincadeira muito séria — alegria de estar junto, mas com o aviso mudo de que depois nada seria igual.

Foi então que o caminho se abriu em quatro passagens. Diante de nós:

— um arco de gelo vivo, cristais cintilantes e flocos suspensos em branco e azul (Glacivita);

— um portal de fogo líquido e tempestade, labaredas e raios entrelaçados (Flamaré);

— uma arcada de pétalas suspensas, com raízes que perfumavam tudo (BrisaTerra);

— um portão de folhas em laranja, verde, vermelho e âmbar, dançando em ciclo lento (Lufardor).

Solon riu baixo:

— Parece que o céu estudou geografia.

— E nos estudou também — Ébano completou.

— Vamos com calma — Sálvia disse, respirando fundo.

Toquei a luz com a pata e senti meus amigos como corações celestes na tapeçaria da matilha: um batimento firme (Solon), um compasso silencioso (Ébano), uma respiração que cura (Sálvia)... e o meu próprio pulsar, neve e atenção. Era uma conexão invisível, tecida desde a Casa das Estações... talvez até antes.

— A gente se encontra no meio — falei.

— No primeiro cruzamento de estrelas — Sálvia confirmou.

— Na curva antes do relâmpago — Solon piscou.

— Onde o som ficar mais claro — disse Ébano.

Olhei cada um por um momento mais longo do que precisava. Gravei postura, cheiro, peso da presença. Fixei também o cordão que cada um carregava: o vermelho flamejante de Solon; o verde de cura e calma de Sálvia; o âmbar de escuta e atenção de Ébano. Eu não tinha meu cordão ainda, mas guardei todos eles dentro de mim, como uma promessa silenciosa.

E então, sem mais palavras, cada um entrou pela sua passagem.





Aurora em Flamaré: O Chão que Não Cede na Tempestade

Flamaré não espera. Ela acontece toda de uma vez.

O calor chegou antes do primeiro passo — denso, pulsante, como um abraço que aperta demais. O chão rangia em brasas vivas, e o ar cheirava a pedra quente e tempestade prestes a estourar. Relâmpagos sem nuvem riscavam o horizonte em laranja e branco. Labaredas erguiam colunas, tombavam, e recomeçavam — como se não soubessem fazer outra coisa senão arder.

Parei na entrada. Respirei fundo. Deixei o calor entrar sem brigar com ele.

Eu era de Glacivita, onde o mundo fala baixo — e o calor de Flamaré não perdoou nem um fio da minha pelagem branca. Era como ser neve sabendo que existe fogo no mundo. Senti cada almofada das patas pequenas reagir ao chão quente, o pelo curto do focinho captar o cheiro de pedra e tempestade. Meu corpo inteiro estava acordado, em alerta. Não de medo — de atenção.

Avancei devagar, lendo o terreno com cada almofada. O chão de Flamaré não falava com texturas suaves: falava com tremores, com temperatura, com o estalo antes da rachadura. Aprendi rápido que aqui não se pisa sem sentir primeiro. Que a segurança não estava no que se via — estava no que se sentia antes de ver.

Foi quando ouvi.

Não era chama, nem trovão. Era um som menor — irregular, comprimido — como respiração contida demais, prestes a virar espasmo. Segui-o.

Entre duas pedras de basalto incandescente, encurvado sobre si mesmo, estava um filhote. Não era de carne, nem de pelo. Era feito de faíscas e tremor: labaredas curtas que se apagavam antes de virar chama, centelhas que tentavam se fixar no ar e não conseguiam. Seus olhos, vermelho-vivo, piscavam depressa demais — acelerados, sem foco, sobrecarregados por cada fragmento de luz e calor ao redor.

Reconheci aquele padrão: era o padrão de quem sente tudo de uma vez e não encontra onde pousar.

Me aproximei sem pressa, sem voz. Quando cheguei perto, ele tremeu e se comprimiu mais. Não era agressividade: era excesso. Mundo grande demais, sinais demais, sem um ponto fixo para se ancorar.

Me deitei ao lado dele. Não na frente, não acima. Do lado. Deixei meu peso pousar no chão, firme e quieto. Regulei minha respiração: funda, lenta, constante. Um ritmo que não mudava, independente dos relâmpagos ao fundo ou das pedras que estalejavam ao redor.

Mas antes de me levantar, fiz algo que o meu corpo sabia antes da minha mente nomear. Me enrolei devagar ao redor dele — não para prender, mas para conter. Como uma fronteira que não aprisiona: só define onde o mundo começa e onde a confusão acaba. O calor da minha pelagem branca contra as faíscas trêmulas dele. O peso gentil da minha presença como uma manta que não pesa, mas existe.

Ele parou de tremer.





Não de imediato. Primeiro um tremor, depois o seguinte um pouco menor, depois o próximo menor ainda — como um coração aprendendo que pode desacelerar. Ficamos assim por um tempo que não tinha pressa.

Sustentar alguém não é puxar. É oferecer um ritmo seguro. Uma respiração estável. Um chão que não desaparece.

Quando finalmente me levantei, ele me seguiu. Dei um passo. Parei. Olhei para trás.

Passo, pausa, confirmação.

Passo, pausa, confirmação.

Quando o calor aumentava demais, eu diminuía o ritmo. Quando a terra rangia de forma estranha, eu parava primeiro — para que ele visse que parar era seguro, não derrota. Quando ele acelerava, desorientado pelo excesso de estímulos, eu não acelerava junto: ficava firme, e ele voltava ao meu compasso.

Isso era o meu trabalho: não eliminar o caos. Ser o eixo dentro dele.

Chegamos a uma plataforma de pedra vulcânica, no centro de um círculo de chamas que queimavam em azul — serenas, ao contrário de tudo ao redor. Ali repousava o fragmento do Coração Estelar. Não ardia. Apenas esperava, com a calma das coisas que sabem o que são.

O filhote caminhou até ele, hesitante. Encostou as faíscas que formavam seu corpo no cristal, e por um instante pareceu se reconhecer no reflexo. Então, sua forma começou a se dissolver: as centelhas que o compunham subiram em espiral — não em explosão, mas em ascensão ordenada. Com um último lampejo vermelho-branco, ele se transformou em estrela viva, que subiu até encontrar seu lugar no firmamento.

Uma constelação que antes pulsava em descompasso encontrou o seu acorde.

Respirei fundo. Senti o calor de Flamaré de outro jeito agora: não como pressão, mas como presença. Aprendi que ser âncora não é ser rígida. É ser constante quando o mundo não é.

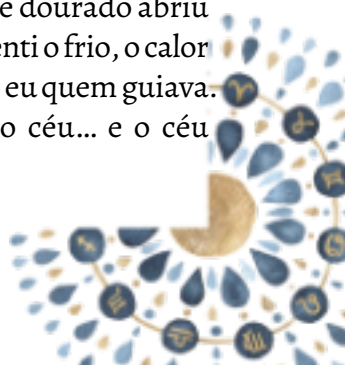
Era hora de seguir. Sabia que Solon, Ébano e Sálvia também estavam lá fora, devolvendo estrelas ao céu — e que logo nos encontraríamos outra vez. Pensei nos três: no calor confiante de Solon, no silêncio atento de Ébano, na respiração serena de Sálvia. E sorri, mesmo com o fogo ao redor.

O filhote se aproximou, encostou o próprio focinho e fixou com aqueles olhos puros o cristal e, por um instante, parecia apenas descansar. Então, sua forma começou a se dissolver em luz. Primeiro, um brilho suave percorreu seu corpo; depois, a água e o gelo que o formavam se tornaram poeira luminosa, subindo em espirais pelo ar. Com um último lampejo, ele se transformou em uma estrela viva, que subiu veloz até se encaixar no mosaico celestial.

A ordem, que antes parecia perdida, começou a respirar outra vez. No alto, uma constelação incompleta agora exibia um ponto branco azulado, esplêndido, como o primeiro acorde de uma música que precisa ser completada.

— Hahhhh! Pequeno, era aqui que você precisava chegar...

Do alto, da elevação seguinte, um feixe dourado abriu caminho para o horizonte. Respirei fundo. Senti o frio, o calor e a certeza de que, a cada travessia, não era só eu quem guiava. Também estava sendo guiada. Falei com o céu... e o céu respondeu.





Era hora de seguir... De voltar pro caminho celestial... De procurar os meus amigos... Ali, eu havia feito o meu trabalho... E sabia, no fundo do coração, que, assim como eu, Solon, Sálvia e Ébano também teriam encontrado seus fragmentos e libertado suas estrelas. Quando as quatro brilhassem juntas no firmamento, o Rei Equilíbrio poderia despertar — e talvez, nesse instante, encontrássemos o guardião perdido: Diurnus, irmão da Noctis, chave para restaurar o ciclo perfeito de sol e lua.

Ébano em BrisaTerra: O Silêncio que Escuta o Vento

BrisaTerra não para. Ela pulsa.

O ar chegou primeiro — cheio de fragmentos vivos: pólen em nuvens douradas, pétalas que rodopiavam sem destino, sementes dançando em correntes invisíveis. O perfume era múltiplo, camadas sobrepostas de jasmim, hortelã, erva-doce e algo que não tinha nome mas que entrava pela narina como uma pergunta. Cada fio de vento trazia uma direção diferente.

Uma parte de mim quis recuar. A outra quis correr para dentro. Fiz nenhum dos dois.

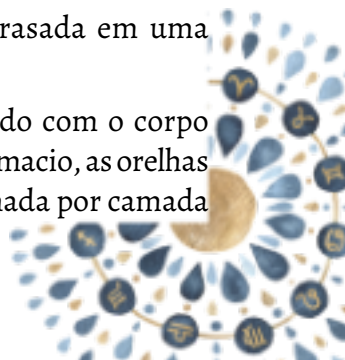
Parei. Fechei os olhos. Decidi ouvir antes de agir.

O caos de BrisaTerra era real — mas caos tem padrão. Sempre tem. Todo barulho é feito de camadas, e cada camada tem frequência. Comecei a separar: o zum-zum das asas de inseto — grave e constante, não era sinal. O assobio do vento por entre folhas — variável, dependente da direção, também não. O range suave de uma raiz crescendo — rítmico, lento, de fundo. E então, quase enterrado embaixo de tudo, algo diferente.

Uma frequência fora de compasso.

Como uma nota tocada um pouco atrasada em uma música que se repete.

Abri os olhos. Avancei devagar, ouvindo com o corpo inteiro: as almofadas das patas sentindo o solo macio, as orelhas girando para calibrar, o nariz separando camada por camada





até encontrar o que era sinal e o que era ruído. Isso era o que eu fazia. Escutar o que estava embaixo.

Foi então que o vi.

Não estava perdido num redemoinho, não estava imóvel. Estava tentando seguir tudo ao mesmo tempo — cada pétala que passava, cada borboleta que mudava de direção, cada fio de brisa que chegava e partia. Seus olhos dourados saltavam sem parar, incapazes de se fixar em nada. Seu corpo pequeno — feito de pólen compacto e raiz jovem — girava no mesmo eixo, exausto de tanto tentar acompanhar o mundo inteiro.

Antes de me aproximar, fiquei parado, observando.

Era o que eu sempre fazia: entender o padrão antes de intervir. O filhote não estava com dor. Não estava em perigo imediato. Estava sobrecarregado — havia diferença. E o que curava sobrecarga não era intervenção, era âncora. Uma frequência estável à qual outra frequência pudesse se calibrar.

Me aproximei sem fazer barulho. Ele nem me viu chegar. Me sentei perto, quieto. Fechei os olhos novamente. E comecei a respirar no compasso do vento de fundo — não o vento agitado da superfície, mas o mais lento, o que passava rente ao chão.

O filhote parou de girar. Inclinou a cabeça. Escutou.

Eu não precisava que ele falasse. Precisava que ele respirasse comigo.

Dei um passo em direção ao vento mais constante. Ele me seguiu — ainda olhando para os lados, ainda distraído —, mas havia uma linha agora, um fio que o conectava ao meu ritmo.

Passo, pausa. Respiração.

Passo, pausa. Respiração.

Quando o pólen adensava e ele queria se dispersar junto com ele, eu ficava firme: não para conter, mas para oferecer contraste. Uma frequência estável dentro da distração. Um silêncio que não some.

O som das coisas que não são palavras — o estalar de uma raiz, o intervalo entre dois cantos de pássaro, o instante exato antes do vento mudar de direção — esses eram os sinais que eu lia. E a cada sinal, respondia com calma, para que ele aprendesse que havia linguagem no intervalo.

Chegamos a um campo de flores altas, onde o vento girava em espiral suave. No centro, havia o fragmento do Coração Estelar: uma pedra cristalina, transparente, atravessada por veios que pulsavam no ritmo da brisa.

O filhote se aproximou devagar. Encostou seu corpo de pólen e raiz no cristal. Por um instante, ficou absolutamente quieto. O primeiro silêncio verdadeiro dele desde que o havia encontrado.

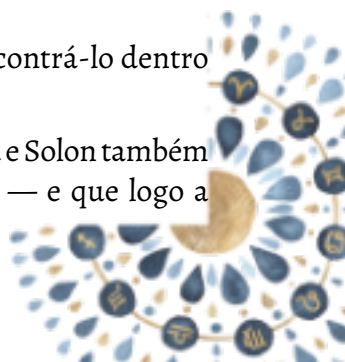
Então se dissolveu: primeiro o zumbido de dentro — uma frequência que eu mal havia percebido, mas que agora, sem ela, deixava um silêncio mais limpo. Depois o corpo, grão por grão de pólen levantando suave, subindo em correntes de ar até virar luz dourada e verde. Com um último brilho, ele encontrou seu lugar no firmamento.

Olhei para cima. Uma nova estrela pulsava em BrisaTerra: não dispersa, mas firme. Encontrada no meio da distração.

Murmurei, quase para mim:

— Ouvir não é esperar o silêncio. É encontrá-lo dentro do barulho.

E segui. Porque sabia que Aurora, Sálvia e Solon também estavam lá fora, devolvendo estrelas ao céu — e que logo a





matilha se encontraria outra vez, prontos para chamar Diurnus de volta. Pensei na pelagem branca de Aurora, firme e quieta; nos olhos de mel atentos de Sálvia; no sorriso estrondoso de Solon. Sorri sem querer.

Sálvia em Lufardor: O Olhar que Escuta o Tempo

Lufardor não sopra: suspira. As árvores, altas e esguias, deixam cair folhas que nunca chegam a se perder — cada uma desce como se tivesse sido avisada, coreografada pelo ar. O chão respira em camadas de âmbar, vermelho e dourado, como um livro aberto em páginas que nunca acabam. O ar tem gosto de noz e mel seco, e cada passo afunda suave, como andar sobre lembranças.

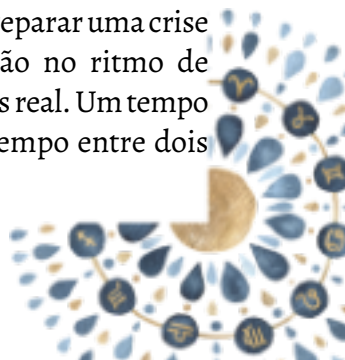
Entrei devagar. Não se corre em Lufardor. Ele não perdoa pressa. Ele só oferece respostas a quem está disposto a esperar pela pergunta certa.

Meu cordão verde balançava no peito, pétalas e raízes que pareciam se alongar para tocar o chão. Respirei fundo. O silêncio aqui não era vazio: era cheio de murmúrios escondidos, de histórias que caíam junto das folhas.

Andei alguns passos e já sabia: havia algo aqui que não estava em ordem.

Não vi. Não ouvi. Senti.

Era como quando o ar antes da chuva muda de cheiro antes de qualquer nuvem aparecer. Ou quando o corpo de alguém, sem nenhum sinal visível, começa a preparar uma crise que ainda não chegou. Havia uma alteração no ritmo de Lufardor — pequena, quase imperceptível, mas real. Um tempo irregular, como um coração que perde um tempo entre dois batimentos.





Não era vento. Era sinal. E sinais precisam ser atendidos antes que se tornem tempestade.

Segui o desvio no ar com atenção clínica, separando o que era paisagem do que era alerta. A terra úmida — normal. A resina de carvalho — normal. Algo levemente ácido que não devia estar ali — alerta, marcar. Uma respiração curta e irregular embaixo de uma figueira imensa — alerta, checar.

Foi lá que o encontrei.

Um filhote, feito de vento e outono: folhas agrupadas em forma de cãozinho, olhos âmbar que piscavam como se cada olhar fosse uma estação inteira. Estava parado, sem se mover, como quem não sabe se deve existir. Suas folhas tremiam com uma frequência irregular — não de frio, mas de algo interno que estava fora do compasso. O corpo que se esquece do próprio ritmo.

Me aproximei. Ele recuou.

Já esperava isso. Quando o corpo está em desregulação, qualquer aproximação parece ameaça. Não era sobre mim — era sobre o estado dele. Não falei. Não estendi nada. Apenas fiquei ali, respirando com calma, para que o meu compasso fosse um convite.

Às vezes, presença é o único diagnóstico que importa.

O filhote inclinou a cabeça. Depois deu um passo. Depois outro. Até encostar o focinho de folhas secas no meu. Bem de perto, confirmei: o ritmo dele estava irregular, mas não era grave ainda. Era uma crise prevenível — a melhor espécie.

Percebi que ele não precisava de destino — precisava de ritmo. E então caminhei, devagar, no compasso do cair das folhas. Ele seguiu.

Cada passo dele fazia uma folha nova se soltar do alto, e juntas formavam pequenas trilhas pelo ar. Eu o observava com atenção constante — não ansiosa, mas presente. Se ele cambaleava, eu ajustava sem chamar atenção. Se o tremor voltava, encostava o ombro, discretamente, como quem oferece apoio antes que o outro perceba que precisa.

Chegamos a uma clareira onde o vento rodava em espirais. No centro, o fragmento do Coração Estelar: uma pedra âmbar, grande, atravessada por veios que pulsavam como se fossem raízes de luz.

O filhote correu até ela, ofegante. Encostou o corpo de folhas no cristal. E então começou a se dissolver — primeiro o barulho, como chuva miúda em telha; depois o corpo, folha por folha se erguendo, dançando em espiral até virar luz dourada. Subiu em silêncio, até encontrar seu lugar no céu.

Olhei para cima. Uma nova estrela brilhava no outono celeste — âmbar e serena, sustentando o peso do tempo.

Deixei escapar um murmúrio:

— Às vezes, a paciência é só o jeito que o mundo tem de ensinar a ver.

E então segui. Porque sabia que Aurora, Ébano e Solon também estavam lá fora, devolvendo estrelas ao céu — e que logo a matilha se encontraria outra vez, prontos para chamar Diurnus de volta. Carregava o pensamento dos três como se fossem raízes: Aurora, firme e quieta; Ébano, que ouve o que os outros não conseguem; Solon, que corre pra frente e sempre olha pra trás.





Solon em Glacivita: O Fogo que Aprende a Tatçar

Glacivita não grita. Ela sussurra.

E isso, para mim, era o desafio mais difícil de todos.

Entrei como entro em tudo: peito aberto, olhos de jade faiscando, o cordão vermelho flamejante tamborilando confiança no peito. O frio chegou em cheio, mas sou feito de calor por dentro — não me importei. Dei o primeiro passo com a força de quem sabe o caminho.

O gelo cedeu.

Não muito. Apenas o suficiente para me fazer tropeçar, uma pata afundando onde parecia sólido. Recuei, rindo de mim mesmo. Olhei para o chão: uma superfície lisa, impecável, sem nenhuma pista visível sobre o que era firme e o que era ilusão.

Glacivita não avisa. Ela testa.

Respirei fundo. Tentei outra vez. Dessa vez, não confiei nos olhos. Avancei a pata com cuidado, pressionando devagar, sentindo antes de pousar o peso. O gelo respondeu com um leve estalo — não de perigo, mas de aviso. Parei, ajustei, continuei.

Cada passo era uma leitura.

Superfície dura, silenciosa: segura.

Som de água correndo por baixo: cuidado.

Neve compactada, opaca: firme, pode seguir.

Gelo brilhante demais, translúcido: fino, evitar.

Isso era guiar, entendi. Não correr na frente — sentir o terreno antes que o outro precise senti-lo. Enxergar antes. Não com os olhos, mas com o corpo inteiro atento ao que pode vir.

Foi num vale entre dois penhascos congelados que o encontrei.

Um filhote pequeno, feito de névoa e gelo compactado, com olhos azul-pálido que não enxergavam longe. Estava parado sobre uma ponte de gelo estreita, sem saber para onde seguir. Cada vez que tentava um passo, o gelo rangia, e ele recuava — imóvel de novo, preso entre o medo de avançar e o medo de ficar.

Parei antes de chegar perto. Observei o filhote, a ponte, o terreno ao redor. Mapeei com os olhos e com as patas, sentindo as vibrações do gelo, lendo a inclinação, notando onde havia apoio firme e onde a superfície mentia.

— Dois passos à direita — disse, em voz baixa. — Depois em linha reta. Eu vou na frente.

O filhote tremeu.

— Não precisa ver — falei, e minha voz era diferente do de sempre: mais quieta, mais firme. — Segue meu compasso. Quando eu pausar, você pausa. Quando eu avançar, você avança.

E assim foi. Fui na frente, sentindo cada fragmento de gelo com as almofadas das patas, anunciando em voz baixa:

— Obstáculo à esquerda, curva suave.

— Superfície instável, dois passos à direita.

— Terreno firme agora. Pode confiar.

O filhote seguiu, olhos fechados às vezes, ouvidos abertos sempre.

Passo, pausa. Respiração.





Passo, pausa. Respiração.

Assim chegamos a uma clareira guardada por pilares de cristal que sustentavam o próprio céu. No centro, o fragmento do Coração Estelar repousava sobre uma pedra de gelo negro, irradiando uma luz fria e clara.

O filhote de névoa se aproximou. Encostou o focinho no cristal. Sua forma começou a se dissolver: primeiro em vapor, depois em luz azul-branca, precisa, como o primeiro raio de sol que encontra gelo e não o derrete, mas o faz brilhar. Subiu em linha reta até se encaixar no firmamento.

Olhei para cima, em silêncio por um instante. Depois disse, quase surpreso comigo mesmo:

— Guiar é enxergar antes. Não com os olhos, mas com o corpo inteiro atento ao que pode vir.

E segui. Porque sabia que Aurora, Ébano e Sálvia também estavam lá fora, devolvendo estrelas ao céu — e que logo a matilha se encontraria outra vez, prontos para chamar Diurnus de volta. Ri sozinho, imaginando o que cada um estaria fazendo. Aurora, com certeza, estava sendo o chão de alguém. Ébano estava ouvindo o que ninguém mais ouvia. E Sálvia — Sálvia já devia ter feito o diagnóstico antes de chegar perto.

O Retorno das Quatro Estrelas

O céu, que antes parecia fragmentado, começou a recompor-se — como um grande quebra-cabeça celestial que finalmente encontra o próprio desenho.

Primeiro, um cristal branco-azulado acendeu no alto, firme como gelo que não racha — translúcido, preciso, sereno (Aurora).

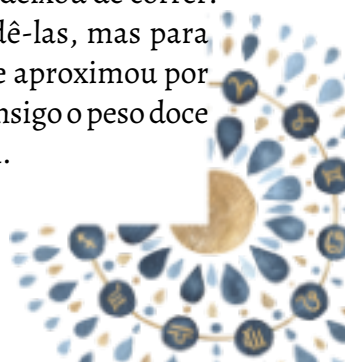
Depois, uma centelha vermelho-dourada rasgou a escuridão, viva e pulsante, como brasa que aprende a aquecer sem consumir tudo ao redor (Solon).

Em seguida, pétalas verde-luminosas se abriram em espiral, suaves e constantes, como se o próprio ar tivesse decidido florescer outra vez (Sálvia).

Por fim, folhas âmbar-profundo surgiram em silêncio, sustentando a beleza do outono sem ruído — grave, equilibrado, inteiro (Ébano).

As quatro luzes não competiam, se reconheciam e, quando se alinharam, o firmamento respirou.

Aurora foi a primeira a chegar ao centro. A respiração dela vinha calma, firme, com o eco de quem havia guiado e sido guiada. Solon apareceu logo atrás, rindo até no cansaço, trazendo nas patas o calor e a coragem de quem nunca deixou de correr. Ébano surgiu das sombras, não para escondê-las, mas para carregá-las em equilíbrio com a luz. Sálvia se aproximou por último, com olhos de mel atentos, trazendo consigo o peso doce do desaparego, a sabedoria das folhas que caem.





Quando os quatro encostaram ombro em ombro, o céu estremeceu. As estrelas que libertaram explodiram em feixes que giraram ao redor deles, como se desenhassem novamente o Coração Estelar. E, no instante em que a última linha se fechou, o firmamento abriu os olhos.

Das dobras do infinito surgiu Diurnus. Não como um sol ofuscante, mas como um amanhecer delicado — um lobo dourado, de crina cintilante e olhos que guardavam a promessa de todos os dias que ainda viriam. Suas asas eram feitas de amanhecer: laranja suave antes do sol, rosa tenro do horizonte acordando, e o dourado gentil de uma luz que ainda não sabe o quanto vai brilhar.

Ele caminhou até eles e falou com voz de alvorada:

— O ciclo respira outra vez. Vocês não devolveram apenas estrelas ao céu, mas devolveram o céu a si mesmo.

Aurora ergueu o focinho e sentiu. Não era só o vento, nem só o frio, nem só a luz. Era tudo junto, um equilíbrio de estações que só existe quando há matilha.

E então, pela primeira vez, o firmamento inteiro se curvou em reverência. As luas voltaram a nascer. O sol encontrou de novo o seu caminho. E o coração de Prisma pulsou completo.

Eles não eram apenas quatro filhotes. Eram quatro vozes de um mesmo canto, quatro passos de um mesmo compasso, quatro cores de um mesmo céu.

A matilha havia vencido.

O Despertar de Diurnus

Do coração do céu, Diurnus abriu as asas. Sua presença não era calor ofuscante, mas um amanhecer suave, cheio de promessa. Os olhos dourados, fundos como horizontes, miravam os quatro filhotes com ternura.

— Eu estava preso no véu da ausência — disse ele, e sua voz soava como canto de pássaro no primeiro raio do dia. — Enquanto as estrelas estavam dispersas, eu não conseguia encontrar o caminho de volta. Vocês me libertaram. E ao fazer isso... libertaram também o coração de Prisma.

As estrelas ao redor tremiam, como aplausos invisíveis. Então, uma brisa prateada se espalhou, e dela surgiu Noctis. Sua pelagem mudava em tons de lua, e os olhos guardavam constelações. Quando viu o irmão, não disse nada. Apenas correu, asas abertas, e o envolveu num abraço de cosmos. Ele encostou o focinho no dela, e juntos suspiraram — noite e dia se reencontrando.

— Irmã... — Diurnus sussurrou.

— Eu sabia que voltaria — Noctis respondeu, sua voz como luar refletido em lago. — E voltaria por eles.

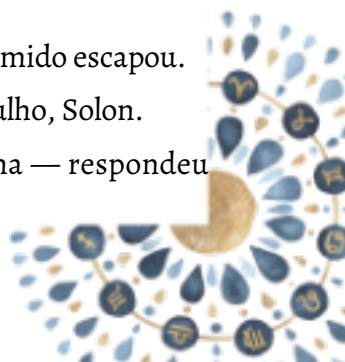
Com o peito latejando, olhei para os amigos. Solon ergueu a cabeça, rindo entre lágrimas:

— Eu avisei que isso ia virar história de fogo de acampamento!

Ébano rolou os olhos, mas um sorriso tímido escapou.

— Você transforma até silêncio em barulho, Solon.

— E você transforma até lava em calma — respondeu Solon, cutucando-o de leve.



Sálvia, tranquila, respirou fundo e murmurou:

— A vida é um ciclo. Hoje vimos uma volta inteira se completar.

Sorri, mas antes que pudesse responder, Diurnus se aproximou. Ele inclinou a cabeça e, da ponta de sua asa dourada, fez brotar um objeto cintilante: um cordão.

Não era cordão comum. Era uma peça de quebra-cabeça de azul-gelo translúcido, que mudava de tom conforme a respiração dela. Flocos minúsculos de cristal se entrelaçavam na trama, refletindo o brilho das quatro estações.

— Aurora — disse Diurnus, com voz firme e doce. — Você foi o eixo. A guia invisível. O frio que ensina a escutar e o calor que aprende a confiar. Este é o teu cordão. Não para lembrar de quem você foi, mas para anunciar quem você é.

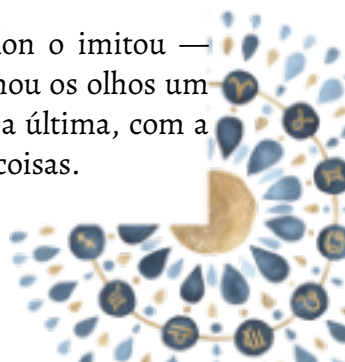
Baixei o focinho, deixando que a peça se encaixasse sobre o meu peito. Ao toque, um arrepio percorreu minha espinha, como se o sopro da minha mãe, o conselho do meu pai, e o coração dos meus irmãos de ninhada estivessem ali outra vez.

Não me senti só. Senti que o céu finalmente nomeava o que eu já sabia: que pertencia a essa matilha, a esse momento, a esse céu que todos nós ajudamos a costurar.

No instante seguinte, algo mudou.

Sem combinar, cada um recuou um passo — abrindo espaço, abrindo círculo. O céu ao redor pulsava, como quem aguarda há muito tempo.

Inclinei o focinho para o centro. Solon o imitou — devagar, o que para ele era raro. Ébano fechou os olhos um instante antes de fazer o mesmo. Sálvia foi a última, com a precisão de quem conhece o tempo certo das coisas.





As quatro peças dos cordões se tocaram.

Um encaixe.

Não havia estrondo nem explosão. Era um som pequeno, firme e certo — como quando algo encontra o lugar que sempre foi seu.

Azul-gelo. Vermelho flamejante. Âmbar dourado. Verde vivo.

Quatro pétalas ao redor de um coração: a Flor de Íris.

Por um instante, ficou suspensa entre nós — real, física, respirando no ritmo dos quatro ao mesmo tempo.

Então começou a subir.

Devagar, como quem sabe que não precisa ter pressa. E as quatro estrelas que tínhamos libertado nos desafios — cristal branco-azulado, centelha vermelho-dourada, pétalas verde-luminosas, folhas âmbar-profundo — se deslocaram pelo firmamento como se tivessem esperado por esse momento desde sempre. Se organizaram ao redor da flor.

O Coração Estelar. Completo. Não fragmentado, não dormindo. Vivo.

Os cordões voltaram aos nossos peitos — mas cada um trazia agora a forma de uma pétala impressa nele. A flor havia ficado no céu. E uma parte da flor havia ficado em cada um de nós.

Noctis e Diurnus pararam. Olharam para cima. Por um instante, o céu inteiro foi silêncio.

— Prisma — Sálvia murmurou, e a palavra pousou no ar com o peso das coisas verdadeiras.

Juntos, nos aproximamos de Diurnus e Noctis. O céu inteiro parecia cantar:



— O ciclo voltou. A luz voltou.

Não éramos apenas quatro filhotes. Éramos o equilíbrio entre noite e dia. E Prisma, enfim, respirava em paz.



Epílogo

O Retorno da Matilha

Quando a Estrada Celeste começou a descer de volta para a Casa das Estações, não conseguimos manter a solenidade por muito tempo.

Solon foi o primeiro a disparar, eu fui logo atrás.

Ébano tentou manter a compostura por três segundos — falhou.

Sálvia riu antes mesmo de tocar o chão e então vimos: a Casa inteira estava lá.

Cães de todas as estações preenchiam o pátio — pequenos, grandes, de pelo curto, longo, claro, escuro — todos com o olhar voltado para o céu onde a Flor de Íris ainda brilhava.

Quando nossas patas tocaram o solo, o silêncio se rompeu: latidos, corridas, saltos.

Caudas rodopiando como se o próprio vento tivesse enlouquecido de alegria.

Fomos cercados, não como heróis distantes, não como lendas, como matilha.

Corpos encostando, focinhos tocando, cheiros se misturando. Alguém latiu meu nome. Outro pulou sobre Solon. Sálvia já estava cercada de filhotes querendo ouvir tudo. Ébano fingia discrição — mas sua cauda não parava de balançar.

E eu entendi.

A vitória nunca foi solitária.



Nunca foi sobre provar força.

Foi sobre voltar.

Foi sobre pertencer.

E ali, no meio da confusão feliz, com o céu inteiro costurado acima de nós e a Flor de Íris brilhando onde o Coração Estelar havia estado partido, percebi que o verdadeiro equilíbrio de Prisma não mora nas estrelas.

Mora no coração da matilha.

Mas em algum lugar, além da curva do horizonte, novas trilhas de estrelas já começavam a se acender.

E eu sabia — nossa história não termina aqui.

Anexos



Sobre os Filhotes

Cada um dos quatro filhotes representa uma região do continente encantado e um tipo específico de suporte. Eles carregam consigo elementos, cores e personalidades únicas, que se complementam como uma constelação viva de afeto, coragem e cuidado.

Os nomes foram cuidadosamente escolhidos para refletir suas regiões, funções e identidades no mundo de Aurora.





Aurora – Glacivita (Inverno)

Função: Cão de suporte para autismo

Elementos: Água e Terra

Pelagem: branca como neve recém-caída

Olhos: castanho-escuros, profundos como um lago gelado em noite calma

Porte: médio, ágil e sensível

Personalidade: corajosa, intuitiva, leal, com um toque impulsivo e protetor. Aurora é quem sente o mundo com a alma. Sua presença acalma e ancora, guiando pelo afeto e pelo silêncio entre as palavras.



Solon - Flamaré (Verão)

Função: Cão-guia

Elementos: Fogo e Água

Pelagem: amarela, com pelos curtos e espessos

Olhos: verde-jade, vivos e observadores

Porte: grande e forte, com energia calorosa

Personalidade: brincalhão, confiante, leal e, às vezes, desastrado, Solon é um farol. Seu andar é firme e seus instintos são precisos. Ele traz luz para caminhos difíceis e estabilidade para passos incertos.





Ébano – Lufardor (Outono)

Função: Cão ouvinte

Elementos: Ar e Fogo suave

Pelagem: preta e cacheada, como brumas que dançam

Olhos: castanho-avelã, brilhantes e atentos

Porte: pequeno e elegante, com movimentos ágeis

Personalidade: inteligente, cauteloso, curioso e reflexivo
Ébano escuta o mundo. Ele entende o som das pausas, a vibração de cada silêncio, e traduz isso em presença e acolhimento.



Sálvia – BrisaTerra (Primavera)

Função: Cão de alerta médico

Elementos: Terra e Ar

Pelagem: caramelo clara, de textura suave e macia

Olhos: castanho-âmbar, iluminados como mel sob o sol da manhã

Porte: médio, graciosa e serena

Personalidade: empática, cuidadosa, firme e afetuosa
Sálvia sente antes de ser chamada. Ela conhece os sinais do corpo e do coração. Sua presença é terra firme e flor em botão.



Mapa Descritivo do Continente Prisma

O continente encantado de Prisma é um mundo tecido por quatro estações perenes, dispostas como pétalas ao redor de um centro vivo e colorido chamado Íris. Cada região expressa um modo de sentir, viver e transformar o mundo — regida por seus próprios elementos, ritmos, aromas e texturas.

Dispostas como uma flor de quatro pétalas, as regiões se encontram no coração do continente. A travessia entre elas exige mais do que mapas: pede escuta, equilíbrio e propósito verdadeiro. O centro, Íris, funciona como a ponte entre regiões opostas.

Estrutura Geográfica e Posição

- **Ao norte (acima):** Glacivita — terra do inverno, da introspecção e da resistência silenciosa.
- **Ao leste (à direita):** BrisaTerra — domínio da primavera, do nascimento e da leveza.
- **Ao oeste (à esquerda):** Lufardor — outono eterno, de transformações, raízes e ventos doces.
- **Ao sul (abaixo):** Flamaré — verão permanente, pulsante, vibrante e intenso.
- **No centro:** Íris — a Casa das Estações, onde tudo se encontra em equilíbrio.

O formato do continente lembra uma flor de quatro pétalas, com Íris no centro. Cada “pétala” toca o centro e duas regiões vizinhas.





Travessias e Conexões Mágicas

Regiões vizinhas (com fronteiras físicas):

- Glacivita faz fronteira com BrisaTerra e Lufardor
- BrisaTerra faz fronteira com Glacivita e Flamaré
- Lufardor faz fronteira com Glacivita e Flamaré
- Flamaré faz fronteira com BrisaTerra e Lufardor

Travessias entre regiões vizinhas envolvem barreiras naturais mágicas, como:

- O Vale dos Vapores (entre Glacivita e Flamaré)
- A Floresta das Transições (entre Lufardor e BrisaTerra)
- Os Campos do Vento Baixo (entre Lufardor e Íris)
- A Faixa de Néctar Solar (entre Flamaré e BrisaTerra)

Travessias entre regiões opostas (ex.: Glacivita e Flamaré, BrisaTerra e Lufardor) são feitas apenas através de Íris, o centro do continente. Essas passagens exigem um chamado interior verdadeiro.

Guardiões Regionais

Cada região possui um guardião canídeo — uma criatura ancestral, com funções semelhantes a diplomatas ou protetores.

- São responsáveis por proteger as fronteiras naturais de suas regiões
- Acompanham, testam e autorizam a passagem de viajantes entre regiões vizinhas
- Mediam conflitos entre habitantes de suas terras
- Entram em contato com os Guardiões da Casa das Estações em Íris para resolver pedidos especiais ou transferências entre regiões

Os guardiões ocupam posições entre as bordas da flor, atuando nas seguintes divisões:

- Noroeste (entre Glacivita e Lufardor)
- Nordeste (entre Glacivita e BrisaTerra)
- Sudeste (entre BrisaTerra e Flamaré)
- Sudoeste (entre Flamaré e Lufardor)





Regiões e Paisagens

Glacivita – Norte (Inverno)

Clima gélido, silencioso e reflexivo. Penhascos congelados, lagos imobilizados pela geada, cristais de gelo brotando das rochas.

Corpo d'água: Lago Espelho Silente — um lago congelado, profundo, onde só os mais calmos conseguem ver o próprio reflexo.

Fauna: lobos prateados, lebres brancas, aves de penas translúcidas.

BrisaTerra – Leste (Primavera)

Clima ameno, cheio de vida, onde o vento espalha o perfume das flores. Árvores em flor, riachos, campos floridos e leves colinas.

Corpo d'água: Cascatas do Canto Verde — cachoeiras melodiosas que escorrem por rochas musgosas.

Fauna: pássaros multicoloridos, insetos dançantes, raposas florais.

Lufardor – Oeste (Outono)

Clima bucólico e calmo. Florestas de folhas douradas, cogumelos, frutos secos e raízes aromáticas. A luz é âmbar, o tempo caminha devagar.

Corpo d'água: Lago das Folhas Caídas — lago sereno onde folhas flutuam eternamente, sem afundar.

Fauna: veados ágeis, texugos pacientes, corujas e cães de olhos sábios.

Flamaré – Sul (Verão)

Clima quente, vibrante e intenso. Dunas douradas, florestas tropicais, tempestades elétricas e calor exuberante. Corpo d'água: Mar da Chama Azul — mar de águas turquesas que brilham como fogo líquido ao pôr do sol. Fauna: lagartos cintilantes, aves flamejantes, cães de passos ardentes.

Íris – Centro

O coração do continente Prisma. Céu mutável, campos que mudam de cor com as emoções dos que o habitam. Ali está a Casa das Estações, onde filhotes de todas as terras treinam.

É o único ponto que conecta diretamente todas as regiões — o ponto onde os caminhos se cruzam para recomeçar.



Design & Diagramação

Rebeca Gadelha

Revisão

Luciana Sousa

Dados para Catalogação na Fonte

Carla Vilella de Mattos – Bibliotecária – CRB4/1596

B277a

Barroso, Becca

Aurora no espectro das cores / Becca Barroso; diagramação e design de capa Rebeca Gadelha. - 1. ed. - Fortaleza: Transiente, 2026.

PDF (114 p.): il.: color.

Ilustrações geradas por IA.

ISBN 978-65-85720-30-4

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 808.899283

